

12817

(2)

Judeus portuguezes na dispersão

I

Na hora fatidica em que D. Manoel pensava solver, pela conversão forçada dos hebreus, o grave problema que por espaço de seculos agitara a Peninsula, ia muito ao revez d'isso abrir-se uma era de inquietação e ruinas, que perdurou em quanto a odiosa denominação de christão novo não foi, por um decreto de D. José, supprimida do vocabulario nacional. E succedeu que, em vez de ser o judaismo eliminado, como o rei se propunha e o povo exigia, é elle que parece ter-se apossado da nação. Dentro do paiz a raça extranha multiplica-se. Fora chegam a identifica-la com a nativa, e os termos portuguezes e judeu são por toda a parte synonymos, não obstante a obra vã da depuração.

Sem duvida que uma raça, cujo aspecto physico e moral tem conseguido sobreviver a tantas vicissitudes, não poderia confundir-se em outra, proporcionalmente pouco numerosa, sem lhe imprimir algumas das suas caracteristicas. Talvez o estrangeiro desconfiado á primeira vista as lobrigasse, talvez unicamente generalisasse, pelo rumor que ao longe faziam os autos da fé. De toda a maneira é certo que o mosaismo havia de deixar o seu vinco, e a esperança messianica em D. Sebastião, protrahida até ao seculo XIX, foi o cunho indelevel, a affirmação do seu predominio dentro da nacionalidade que o pretendia extirpar.

Entretanto muitos se evadiam á operação de chimica social que se tentava na Peninsula, e de que dera exemplo a Hespanha. De 1492 ao meado do decimo oitavo seculo, a emigração não cessou. O povo escolhido dispersava-se outra vez pelo mundo além, e os judeus, cultos, ricos e influentes no estado, revertiam á existencia nomada dos antepassados nos desertos da Asia. Alguns peregrinaram sob o açoitado das perseguições por todo o tempo da vida, ao passo que outros, mais ditosos, encontraram no exilio segurança e tranquillidade, que a terra do nascimento lhes havia negado.

Os primeiros fugitivos dirigiram-se á Africa, onde salvo pequenos accidentes de pirataria, a tolerancia desdenhosa dos muçulmanos os acolhia benevola. Argel, Tunis, o Egypto viram enriquecer alguns d'esses, que desembarcavam foragidos e indigentes. De terra em terra foram outros parar á Turquia, onde era numerosa a população de correligionarios levantinos. Em Constantinopla chegavam a trinta mil e adoravam em quarenta synagogas Adonai. Salonica foi notavel por suas escolas, nas quaes cinco mil estudantes aprendiam a lingua sagrada e a lei mesaica. ¹ No seculo XVII as colonias israelitas saídas da Peninsula

¹ *Nomologia o Discursos legales compuestos por el virtuoso Imanuel Aboab.* Amsterdam, 2.^a ed. A.º 5487 (1727) p. 330.



R. 12817.
(2). V.

prosperavam á maravilha, tão numerosas que impunham o seu falar, de modo que em Constantinopla, Alexandria e mais portos do Levante o castelhano era quasi exclusivamente empregado nas transacções commerciaes. E não se apagou este cunho de origem, porque ainda hoje o dialecto judeu-hespanhol, ou *ladino*, é o idioma usual e litterario da gente israelita, de Smyrna a Belgrado, em toda a extensão do territorio onde sob o dominio turco se foram estabelecer os fugitivos.

A Tunis se acolheu o celebre Abrahão Zacuto, favorito de D. Manoel, astrologo, mathematico e geographo, que instruiu os pilotos portuguezes no uso do astrolabio. Em Marrocos ficaram muitos, entre os nativos da sua raça, que eram em grande numero. Ali, no meio de um povo de guerreiros barbaros, florescia sem obstaculos a tradição de Israel. Em Fez os pleitos entre judeus julgava-os uma junta de rabinos, e o xeque fazia cumprir as sentenças. Quanto a escolas, havia lá, refere Manoel Aboab, grandissimo estudo e maravilhosa ordem.¹ A fidelidade ao estado que os admittia não parece ter sido a virtude primaria d'elles. Foi com o auxilio dos judeus, residentes na cidade, que os portuguezes lograram em 1507 apossar-se de Çafim. Em recompensa lhes prometteu D. Manoel que não seriam expulsos em nenhum tempo, nem compelidos á conversão, e neste ultimo caso se lhes dariam dois annos para se retirarem livremente com seus bens. Igual concessão se fez aos judeus de Azamor, e em 1533 permitiu D. João III a uns e outros transferirem-se para Arzila. Este e factos semelhantes demonstram não ser o antagonismo de crença, ao principio, o motivo fundamental da perseguição. Excluidos do meio, onde como extranhos pareciam ser elemento perturbador, o estado mantinha com elles relações baseadas na tolerancia. O mesmo se ia ver depois com os refugiados na Hollanda. Da sua parte os hebreus não manifestavam sentimentos hostis á nação, que tão duramente os tratava. Após a jornada de Alcacerquibir muitos captivos foram comprados por judeus e esses facilitaram-lhes os resgates. Conta Jeronymo de Mendonça, na *Jornada de Africa*, que na casa onde se achava em Fez o conde de Vimioso, frei Vicente da Fonseca, tambem prisioneiro, fazia prédicas aos hebreus, exhortando os apostatas a regressarem á igreja catholica. E com singular boa fé assegura que alguns d'elles se deixaram convencer.

*

* *

Os hebreus, que pelas relações do commercio ou outras, tinham amigos ou conhecidos na Italia, para lá se dirigiam. Em 1544 participava de Roma o enviado Balthasar de Faria que um navio, chegado a Ragusa, ia cheio exclusivamente de christãos novos com suas fazendas. D'ahi passariam alguns a Salonica, outros atravessando o Adriatico para a Italia.² Genova, onde já havia alguns judeus, que aliás em 1598 foram definitivamente expellidos, fechou-lhes o porto e quando os fugitivos appareceram a solicitar asilo, por graça unica deu-lhes a permissão de se demorarem o tempo indispensavel para as embarcações serem

¹ *Nomologia*, cit. p. 331.

² Herculano, *Hist. da Inquisição*, 1885, T. 3, p. 112.

concertadas. Em compensação Veneza, Bolonha e Napoles acolheram-nos sem difficuldade. Entre os refugiados na primeira cidade encontram-se os antepassados do famoso Benjamim Disraeli.

Em Veneza morreu em 1508, depois de alguns annos passados em Napoles, um dos mais notaveis hebreus de Lisboa, Isaac Abravanel, que pretendia descender em directa linha do rei David, homem de negocio, theologo, escriptor, e tão versado nas sagradas letras como destro no manejo dos cabedaes. Seu pae fôra thesoureiro do infante D. Fernando o Santo. Elle, muito favorito de D. Affonso v, do duque de Bragança, marquês de Montemor e mais fidalgos envolvidos na conspiração contra D. João II, fôra suspeito de cumplicidade e ia por isso perdendo a vida. Evadiu-se a tempo para Castella, deixando os bens que lhe confiscaram. Com o auxilio do seu influente correligionario Abrahão Senior recobrou a fortuna, associado a elle na gestão das rendas de Isabel a Catholica, mas, quando em 1492 veio o decreto da expulsão, mais firme que o amigo a quem as blandicias da soberana ou o amor das grandezas e fortuna levaram a converter-se, saiu com a fé herdada para novo exilio. Em Napoles, Affonso II, a quem o recommendava a fama dos serviços prestados em Castella, confiou-lhe igual cargo ao que ali exercêra, pouco tempo todavia, porque a invasão dos francezes arrojou a um do throno e a outro do posto. Abravanel acompanhou á Sicilia o monarca fugitivo e de lá passou a Veneza. D'essa epoca até á morte compoz a maior parte de seus escriptos. Teve tres filhos, todos nascidos em Lisboa. O mais velho, Judas Abravanel, tambem conhecido por Leão Hebreu e Leon Medigo, foi em Napoles physico do gran-capitão Gonçalo de Cordova, e mereceu a Pico Mirandolense os qualificativos de *insignis et celebr mathematicus*. Escreveu em italiano os *Dialogos do amor*, obra em seu tempo muito tempo estimada, e morreu em Veneza, desconfiando-se que passado ao christianismo. O segundo filho, José Abravanel, suppõe-se ter igualmente exercido a medicina em Veneza. Era a profissão dilecta dos hebreus estudiosos, que cumulativamente se occupavam da theologia e não poucas vezes da usura. O ultimo, Samuel, bom letrado, opulento e generoso, gozou da estima geral em Napoles e do favor do vice-rei D. Pedro de Toledo. Terminou seus dias em Ferrara, suspeito, como o irmão mais velho, de apostasia. Mais tarde encontramos ainda membros d'esta illustre familia na Hollanda.¹

Em 1540 eclipsou-se a boa estrella dos judeus em Napoles, de onde Carlos v os expulsou. Ficara-lhes porém á disposição quasi todo o resto da Italia, não excluindo os Estados do Papa. Em fins do seculo XVI um ecclesiastico indignado, Fernando de Goes Loureiro, abade de S. Martinho de Soalhães, no bispado do Porto, fazia em Roma a relação dos judeus refugiados na Italia e dos seus cabedaes.² Evidentemente era numerosa a emigração. No tempo em que se debatia o largo pleito do estabelecimento da Inquisição, Clemente VII autorisara os refugiados a permanecerem no territorio pontificio com promessa de se não inquirir do modo pelo qual viviam em Portugal. Quer dizer, que podiam confessar o judaismo sem risco de serem punidos pela apostasia. D'ahi resultou

¹ De Isaac Abravanel e seus filhos dá noticia a *Nomologia*, ed. cit. p. 325 e seg.; tambem Antonio Ribeiro dos Santos nas *Mem. de Lit. Port.* da Academia das Sciencias, T. 2. p. 271 e seg., 375 etc.; Barbosa, na *Bibliotheca Lusitana*, Graetz, Keyserling e muitos outros.

² «Catalogo dos portuguezes christãos novos que se iam declarar judeus á Italia com a relação das copiosas sommas de dinheiro que levavam». Ms. mencionado por Barbosa, *Bibl. Lusit.* T. 2, p. 27.

irem muitos para Ancona, cidade de grande trafico, que os atrahia mais que a capital do mundo catholico. Ao passo que D. João III e os seus representantes em Roma protestavam contra o proceder, para elles sacrilego, do pontifice, Paulo III e Julio III confirmaram a autorisação, e só em 1554, Paulo IV ao assumir a tiara, revogou as disposições dos antecessores, e iniciou um regime de perseguição. A inquisição procedeu contra os apostatas, e em Ancona foram queimados como hereticos trinta e quatro dos refugiados, convictos de praticarem, tendo sido christãos, a religião hereditaria. Muitos outros condemnados a galés. Pela evasão dos restantes dissolveu-se a colonia dos marranos. Os Medicis em Toscana, o duque Hercules de Ferrara, Manoel Felisberto de Saboia, facultaram-lhes a entrada em seus estados. A maior parte acolheram-se á Turquia.

Ao numero dos ultimos pertence o famoso *Amato Lusitano*, João Rodrigues de Castello Branco, medico por Salamanca e um dos mais notaveis do seu tempo. Inquieto pelas perseguições ausentara-se de Portugal em 1533 ou 34 com destino a Flandres, mas, achando que os dominios de Carlos V lhe não eram seguro refugio, passou á Italia. Pela sua grande reputação foi em 1550 chamado a Roma para tratar do pontifice Julio III. Tinha nome feito, fortuna e situação de relevo, quando pelo advento de Paulo IV se viu obrigado a fugir com os outros correligionarios. Falleceu de peste em Salonica no anno de 1568. ¹

Em Ferrara se refugiou Samuel Usque, natural de Lisboa, autor da *Consolação ás tribulações de Israel*, livro celebre que, pela saborosa candura da linguagem, pelo accento dorido da expressão, é producto notavel do genio hebraico e porventura o unico notavel no idioma portuguez. Foi dado á estampa em Ferrara em 1553. ² Na mesma cidade, Abrahão Usque, irmão do precedente, possuiu a Typographia, de onde, entre outras obras, a maior parte hebraicas, saiu a famosa edição da biblia em castelhano, conhecida por Biblia de Ferrara, em cuja traducção provavelmente, alem do editor, trabalhou outro refugiado, Duarte Pinhel, autor de uma gramatica latina, publicada em 1543 em Lisboa, o hespanhol Jeronymo Vargas e acaso ainda outros hebreus. ³ Tal é o merecimento d'esta traducção que Lessing a encarecia dizendo que valia a pena a qualquer theologo aprender a lingua castelhana sómente para a ler. Outro da mesma familia, talvez primo dos referidos, ⁴ Salomão Usque, traduziu para verso castelhano as poesias de Petrarcha, que deu á estampa em 1567, em Veneza, sob o pseudonymo de *Salusque Lusitano*, dedicadas a Alexandre Farnese, principe de Parma. Filho do gramatico e traductor da Biblia Duarte Pinhel se presume foi Bento Pinhel, professor de direito imperial na Universidade de Pisa, e ha quem pretenda que em Praga igualmente, do que todavia não existe conhecido documento algum. Publicou uma obra de jurisprudencia em Veneza, no anno de 1613. ⁵

¹ A respeito d'elle escreveu largamente o sr. dr. Maximiano de Lemos na sua *Historia da Medicina em Portugal*. Terceiro periodo, cap. 4.º, e publicou tambem o estudo intitulado *Amato Lusitano, a sua vida e a sua obra*. Porto, 1907.

² D'esta obra fez o sr. dr. Mendes dos Remedios, em 1906, na casa França Amado, de Coimbra, uma excellente edição.

³ Keyserling (*Geschichte der Juden in Portugal e Bibliotheca española-portuguesa-judaica*) pretendeu serem Abrahão Usque e Duarte Pinhel uma só e mesma pessoa, opinião que ainda não tinha adoptado quando publicou o *Sephardim*. Do mesmo parecer foi Graetz (*Volkstümliche Geschichte der Juden*). A ideia partiu de Isaac da Costa, poeta e bibliophilo celebre, judeu portuguez da Hollanda.

⁴ Keyserling, *Gesch. der Jud.*; na *Bibl. esp.-port.-jud.*, diz porém que era irmão.

⁵ Antonio Ribeiro dos Santos, nas *Memorias de litteratura portuguesa* publicadas pela Academia das Sciencias, T. 2.º, pag. 339.

Outro Salomão Usque, impressor em Constantinopla suppõe-se ter sido pae dos Usques de Ferrara. Partindo para o exilio os hebreus levavam, como thesouros, os caracteres das suas typographias, que subtrahiam assim á destruição, de outro modo inevitavel. Em 1497 havia em Napoles uma imprensa de *Moisés, filho de Scem Tob, da Santa Synagoga de Lisboa, peregrino e desterrado por causa da religião*, conforme diz em uma das suas publicações.¹ Portuguezes deviam ser tambem os irmãos David e Samuel Naehmias que em 1505 imprimiram o Pentateuco em Constantinopla, como o era D. Jehudá Gedaliah, de quem se conhece uma impressão de 1519 em Thessalonica.²

Escriptor não menos conhecido que Samuel Usque foi Manoel Aboab, natural do Porto, neto de Isaac Aboab, o *Gahon de Castella*,³ doutor illustre, que em 1492 viera com as primeiras trinta familias, israelitas, por accordo com D. João II, estabelecer-se em Portugal. Compoz em castelhano a *Nomologia*, obra de doutrina e controversia, ao mesmo passo resenha historica da cultura rabinica, publicada em 1629, um anno depois de sua morte. Fugido á inquisição para a Italia, habitou Pisa e Veneza, e nesta ultima cidade falleceu quando em avançada idade se preparava para ir terminar seus dias na Palestina, ambição suprema do hebreu piedoso. Em Veneza viveu igualmente Diogo Pires, de Evora, conhecido por Flavio Jacob e Pirro Lusitano, autor de um livro de poesias dado á estampa em 1592, nas quaes se encontra um epitaphio a seu primo Amato Lusitano; e o medico Isaac Cardoso, de Celorico, que além de outras obras escreveu um elogio funebre de Lope de Vega, e o muito conhecido livro *Las excelencias y calunias de los hebreos*.

Entre os menos celebres fóra do circulo da synagoga, ha a notar José ben Dom David ben José Jachia, que se intitulava descendente de Jessé, pae de David, e *um dos nobres de Judá que governaram o povo hebreu desterrado na cidade de Lisboa*, onde nasceu em 1494. Talmudista afamado, viveu em Ferrara, Napoles e outros pontos da Italia.⁴ Rabis, medicos, traficantes, gente de negocio e de sciencia, miseraveis sem profissão nem fortuna, palmilhavam a terra do exilio, em segurança nessa Italia pagã, que, na embriaguê do Renascimento, embebida na politica, na arte, no commercio, curava pouco dos desvios da religião. Famosa no meio israelita da epoca foi Dona Graça Nassi ou Beatriz Mendes de Luna, viuva do rico banqueiro de Lisboa, Francisco Mendes, por appellido hebraico Nassi.⁵ Tinha este succursal da casa em Antuerpia, a cargo de um irmão mais novo, Diogo Mendes; para lá foi viver D. Graça depois de enviuvar, acompanhada de uma filha e dois sobrinhos, um dos quaes, João Miques, famosissimo mais tarde em Constantinopla e terras do Levante com o nome de José Nassi. Foi senhora notavel pelas virtudes, pela riqueza e pela inexgotavel piedade para com os miseros expatriados da sua crença. Essa riqueza teve a

¹ *Mem. de lit. port.* T. 2.º, pag. 342.

² *Idem, id.*, pag. 343.

³ Chamado tambem por excellencia o *Rabi*, em toda a Hespanha. Cf. *Nomologia*, pag. 307.

⁴ *Mem. de lit. port.* T. 2, pag. 372.

⁵ Conforme a opinião commum, seguida ainda na publicação mais recente sobre o assumpto, que é o folheto do Snr. Abralão Galante, de Constantinopla, em 1913, *Don Joseph Nassi duc de Naxos d'après de nouveaux documents*. Segundo Koenen, *Geschiednis der Joden in Nederland*, Utrecht, 1845, o appellido que significa *príncipe*, veio á familia quando o sobrinho de D. Graça, José Nassi, foi investido no governo das Cyclades pelo Sultão, o que carece de fundamento.

mais nobre applicação, consagrada a defender da perseguição aos christãos novos, como succedeu quando tentavam embaraçar em Roma o estabelecimento do Santo Officio, para o que D. Graça contribuia com largas sommas, ¹ ou então a auxiliar o culto, proteger as letras e aliviar penurias. Mas com o reconhecimento e a fama acarretou á sua dona tambem dissabores. Em Flandres cubiçaram-lhe a filha para levar na mão de noiva a opulencia a cortesãos arruinados. A regente, irmã de Carlos v, rainha de Hungria, e o proprio imperador queriam impôr o pretendente. ² D. Graça, que destinava a moça e a fortuna a homem da sua fé, cançada de solicitações e da pressão dos governantes, refugiou-se em Veneza, de onde após contratempos, por a terem denunciado como judaisante, pôde sair para Ferrara. Ali passou annos ditosos, cercada da veneração da gente israelita. Os rabinos, no enlevo das suas virtudes e generosidade, denominavam-na, com a emphase oriental, *gloria de Israel* e *a Esther do seu tempo*. Chegou a ponto a consideração que a celebre edição da Biblia lhe foi consagrada em participação com o soberano, duque Hercules de Ferrara. Os ultimos annos da vida passou-os D. Graça em territorio otomano, onde tinha a filha casada com o noivo de sua escolha, o sobrinho José Nassi.

Foi este famosissimo, como já dito, mas de reputação menos sã que a illustre judia de Lisboa. Avido, astuto, intrigante, audaz, serviçal, de mãos largas, amigo da evidencia, da ostentação e do poder, José Nassi é uma das figuras lendarias da nova Diaspora, e o mais acabado typo de aventureiro feliz, com uma scentelha de genio, que a sua raça tem produzido. O logar do seu nascimento não consta, mas de Portugal saiu para dar principio á sua extraordinaria carreira, e por isso, mesmo que de Castella tivesse vindo, não seria licito exclui-lo d'esta resenha. Depois de ter estado em Antuerpia, como sabemos, encontramo-lo em Veneza. Nessa epoca parece te-lo preocupado o intento de formar, com os hebreus saídos da Peninsula, uma especie de estado autonomo, para o que requereu á republica a cessão de uma das ilhas do seu dominio no Oriente. Acaso foi o malogrô do pedido, que o levou a Constantinopla, onde a influencia dos correligionarios e a riqueza de D. Graça, de que dispunha, lhe facultou o accesso ao Divan. Em breve o impelliu a novos rumos a ambição. O Grão-senhor escutava-lhe os dictames, e o judeu foragido deu arbitrios na politica do potentado que a Europa temia. «A serenissima republica de Veneza, a omnipotente Hespanha, a orgulhosa França, e até o arrogante papado chegaram a ter-lhe

¹ Cf. Herculano, *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição*, T. 2, p. 174 da 4.ª Ed. «A ida (de Duarte da Paz) a Flandres tinha por objecto falar com Diogo Mendes, o mais rico e respeitado hebreu português, e com a viuva de seu irmão Francisco Mendes, a qual subministrara já maior quantia para a solução dos cinco mil escudos recebidos.»

² Cf. Carta de João Rebelo, feitor em Flandres a D. João III no escripto sobre *Maria Brandão, a do Crisfal*, do Sr. Braamcamp Freire. «Senhor — qua vay grande Reuolta com os christãos novos que vierõ de portugual na companhia desta armada e com outros algũs que ya qua estauão damtes... mãdou a Rainha dom francisco daráguão filho de dom nuno manool com o nome de comysayro geral segundo se diz polo que lhe assacão que polo ãmperador e a Rainha o quererẽ casar com a filha de francisco Mèdes bemvisto * e a may não lha querer dar que com paixão disto ordenou com a rainha estoutro, etc... tenho êtemddido que ha Rainha lançara mão por estas moças filhas de francisco mèdes e dioguo mèdes e que as tera e sua casa e as casara com quem o ãperador e ela quyseram. «*Archivo Historico Portuguez*, T. 8, p. 26

* Bemvisto por Bienveniste, appellido de D. Graça.

medo,» diz um historiador autorisado, correligionario seu.¹ Por excessivo que seja o conceito não existe duvida de que a influencia de José Nassi mais de uma vez se fez sentir nas relações da Porta com as potencias occidentaes, ao serviço umas vezes dos seus interesses, outras dos seus despeitos. E essa influencia ainda hoje se recorda no Oriente com agrado. Um escriptor turco de nossos dias pretende que se não teria introduzido o regime das capitulações no imperio otomano, se José Nassi tivesse podido achar-se em Constantinopla vinte annos mais cedo, quando se concederam os primeiros privilegios aos europeus.² Isso caracteriza a sua acção politica. França e Veneza experimentaram-lhe particularmente os effeitos. França, porque recusava pagar 150 mil escudos em divida á casa de Francisco Mendes, com o pretexto de serem bens de heretico, sujeitos por tal razão a confisco. Tres successivos soberanos, Henrique II, Francisco II e Carlos IX, ficaram surdos ás reclamações da Porta, pelo que Selim II mandou sequestrar o terço da carga dos navios francezes, que aportassem ás escalas do Levante, até o valor total preencher o da divida. O caso parecera incrível se o não abonassem documentos: carta do sultão a Carlos IX, em que insiste na reclamação, ordem ao Beyler-bey do Egypto para proceder aos sequestros.³

Veneza, por haver negado a concessão da ilha para assento da emigração judaica, talvez pelo desacato a D. Graça, perdeu a ilha de Chypre. Foi José Nassi que incitou a Selim II a emprehender a conquista, da qual pretendia o principado para si; mas tanto não conseguiu, e teve de contentar-se com uma especie de feudo das ilhas Cyclades, e o titulo de duque de Naxas, que antes tinha alcançado. O governo era exercido por um logar-tenente, e o hebreu vivia em Constantinopla como principe, entregue aos enrêdos da politica, ao meneio dos negocios, e á exploração de opulentos monopolios que pela sua posição facilmente obtinha da mais desordenada das publicas administrações. Igualmente se lhe attribue o proposito de fazer intervir o Grão-turco a favor dos revoltosos de Hollanda, declarando guerra á Hespanha, segundo uma carta sua ao Consistório dos reformados de Antuerpia, em que os induz á esperanza, assegurando-lhes que pela acção da Turquia em breve Philippe II se veria em tal aperto que não teria tempo de se occupar dos Paizes Baixos.⁴ Tal intervenção porém não se realisou e os esforços de José Nassi provaram ser mais fructuosos em adiantar a fortuna propria que na politica internacional. Para isso teve dois reinados. Solimão II e Selim II seu filho, a quem ajudou a subir ao throno, annullando intrigas da côrte ou intrigando tambem, foram seus constantes protectores. A morte do ultimo afinal destituiu-o da influencia politica, e a riqueza desapareceu na maior parte, sequestrada pelo fisco otomano, quando d'ahi a pouco elle proprio morreu. Da grande fortuna dos Mendes e de Nassi, restou á viuva, Graça Reyna, que não herdara as brilhantes qualidades maternas, sómente uma razoavel mediania.

¹ Graetz, T. 3, p. 271.

² Artigo de Salih Safvet Bey em uma revista turca, citado pelo sr. Abraham Galante, em *Dom Joseph Nassi, etc.*, p. 24.

³ Transcriptos por Ab. Galante, obra cit., p. 27 e 31.

⁴ Strada, *De Bello belgico*, cit. por Kenen, *Geschied. der Jod.* p. 132.

*
* * *

Outros fugitivos dirigiram-se ao sul da França, estabeleceram-se em Bayonna, Biarritz, S. João de Luz, alguns foram mais longe, até Bordeus; uns atravez da Hespanha, outros seguindo o caminho directo, por mar. Parte dos que se achavam em Bayonna e lugares circumvizinhos procediam de Bordeus, por terem os correligionarios, estabelecidos nesta cidade alcançado, em 1597, do parlamento da provincia, decreto de expulsão contra os que não tivessem dez annos de residencia, pelo que se viram estes forçados a buscar mais hospitaleiras paragens. Desde 1550 havia christãos novos em Bayonna, no arrabalde do Espirito Santo, por concessão da rainha de Navarra. Como, segundo as leis, não eram os judeus consentidos em França, os refugiados viviam como catholicos, praticando seus ritos em segredo, e quando alguma vez a suspeita popular os descobria as autoridades fechavam os olhos. Entretanto, a espaços, surgiram protestos, principalmente motivados pela concorrência commercial. Os mercadores christãos requeriam a expulsão d'elles, como estrangeiros e porventura inimigos, ao que Henrique IV obtemperou, mandando em 1602 sair os portuguezes de Bayonna e logares circumvizinhos para outros, que escolhessem, mais distantes da fronteira.¹ Parece todavia que a determinação não foi obedecida, ou caiu em desuso, visto que annos depois, em 1610, consta de um relatório apresentado ao Conselho da cidade a presença de multidão de portuguezes em S. João de Luz, Bidart, Biarritz e outros logares, não obstante a expulsão feita por ordem régia. O documento dava-os por suspeitos, como vassallos de Hespanha, e accusava-os de arruinarem o commercio e praticarem o judaismo.² A ultima imputação não fizera impressão no governo, até que em abril de 1615 saiu um edito a prohibir o trato com os judeus, e recordar as leis existentes contra elles. Talvez o casamento de Luiz XIII com princesa espanhola causasse o reviver da intolerancia, mas é tambem possivel que os immigrados, por imprudencia ou desafio, como em outras partes acontecera, dessem razão aos procedimentos. Por exemplo: em S. João de Luz, Catharina Fernandes, de Trancoso, mulher de sessenta annos, chegada havia pouco de Portugal, cospe fora a particula no acto de commungar. Vêem isso; prendem-na; ha tumultos; o povo vae toma-la ao carcere e lança-a viva em uma fogueira. Em seguida a indignação publica exige a expulsão dos portuguezes, que passam a Biarritz.³ Nessa epoca (1619) andaria o numero em dois mil, ali e no districto de Bayonna, onde em virtude d'estes acontecimentos foram definitivamente expulsos da cidade, voltando ao arrebalde do Espirito Santo, além do Adur, que foi de então em diante o bairro d'elles. Ainda muitos annos depois lhes era defesa a residencia em local differente. Em

¹ «Attendu que depuis quelques années en ça, il s'est retiré un nombre fort grand et extraordinaire de Portugais, savoir, de huit cent à mille familles, le long de notre côte et frontière de Biscaye, près notre ville de Bayonne, nous avons résolu de les en tirer et mettre à leur choix d'entrer plus avant au dedans de notre royaume, qui est l'habitation que doivent prendre ceux qui veulent s'y réfugier et non nos frontières.» Henry Léon, *Histoire des juifs de Bayonne*, (1893) p. 19.

² Léon, 26.

³ Id. 19.

1706, pretendendo certo judeu rico, de nome Jorge Cardoso, ir habitar uma casa que mandara construir na cidade, oppoz-se a corporação municipal, e resultou largo pleito, que chegou até á corôa, sem todavia ser revogada a prohibição. Da discussão vê-se que já nesse tempo os portuguezes abertamente professavam o judaismo, sem exclusão dos que, nascidos em França, eram ali baptisados. ¹

De um povoado chamado Tartas, no districto de Bayonna, tomou o appellido, Isaac de Castro Tartas, ou José Liz, martyr celebrado pelos poetas do grupo judaico, queimado em 1647, em Lisboa; ² Peyrehorade, Bastide igualmente abrigavam d'esses forasteiros. Na região é numerosa ainda hoje a população hebrêa, e em muitos nomes de familia se revela a origem portugueza. De 1840 para cá encontram-se entre as firmas commerciaes de Bayonna appellidos taes como Athias, Furtado, Nounes, Frois, Silva, Dacosta, Rodriguès, Gomès, Fonsêque, Carvaille, e ainda outros cuja procedencia não consente duvida. ³ As familias Rodrigues Pereira e Brandam, ligadas por alliança, são das mais antigas da colonia israelita e presume-se que fosse fundador da estirpe um Abrahão Rodrigues Pereira, que para ali veio em principios do seculo xvii. ⁴

Em Bordeus houve refugiados portuguezes antes de 1550, anno em que Henrique II lhes concedeu cartas de naturalisação e licença para residirem no reino. O favor se attribue, talvez sem fundamento, em parte á intercessão de André de Gouveia, que aliás já nesse tempo não estava em França, e nisso teria a peor das recommendações para D. João III. Ha de 1574, 17 de março, um aresto do parlamento de Bordeus, que prohibe se molestem os portuguezes e espanhoes, ou se obriguem a sair da cidade. Essa determinação é confirmada por cartas patentes de Henrique III, de 11 de novembro do mesmo anno.

No seguinte seculo vemos augmentar consideravelmente a colonia de portuguezes. Os processos da Inquisição conservam os vestígios nas denuncias ácerca de pessoas que em Bordeus viviam na lei de Moisés. Em 1636 eram trinta e seis familias, ⁵ mas já em 1675 faziam grande numero, e d'elles dependia a prosperidade do commercio local. Cerca d'essa epoca, os Mogadouros, negociantes ricos de Lisboa, tinham fama de facilitar o clandestino transporte dos que fugiam para lá, e a voz publica denominava-os *passadores de christãos novos*. ⁶ Documentos publicos, que provavelmente exageram, dizem occuparam os portuguezes em Bordeus ruas inteiras. ⁷ Em 1718 chegavam a cem familias, setenta

¹ «... On a souffert par certaines considérations que cette nation observât publiquement la loi mosaïque... et si on fouillait dans les registres de l'église paroissiale, on trouverait peut-être, sans aller plus loin, que le dit sieur Cardoze a été baptisé aussi bien que d'autres de sa nation, lesquels néanmoins présentement, par la licence qu'ils se donnent, professent la loi mosaïque.» Transcripto por Léon, loc. cit. p. 39.

² Em 1673 escrevia de Madrid um espião ao Inquisidor Geral: «Muitos judaisantes moradores em Bayonna e Penhahorada de França passam pelo reino de Galliza a esse reino, e com nomes mudados o correm todo, já por via de commercio, já pela de introduzir o judaismo nos christãos novos que o ignoravam e seduzi-los a passar-se a França ou ao norte, ou a Castella para daqui se retirarem a terras infectas.» Processo de Antonio Rodrigues Mogadouro. Dos judeus de Bastide faz menção o processo de Abrahão Bueno em 1646.

³ Léon, 395 e 396.

⁴ Idem, 405.

⁵ Théodore Reinach, *Histoire des israelites* (1910) p. 273.

⁶ Processo citado. Denuncia do familiar Pedro Ferreira.

⁷ Extracto de um relatorio da Municipalidade a proposito de certos tumultos em 1675: Les portugais, qui tiennent des rues entières, et font un commerce considerable, ont demandé leurs passeports. Les portugais et étrangers qui font les plus grandes affaires

das quaes contribuíam com subsidios para a sustentação dos indigentes da colonia, em parte portanto abastadas, e o numero crescia constantemente. ¹ Segundo um relatorio do *maire*, de 1749, as casas de commercio dos portuguezes, de poucas que eram a principio, attingiam já a tresentas, sendo muitas as de armadores e banqueiros. Metade de todo o negocio da cidade achava-se nas mãos d'elles. ² Outro escripto official mostra, em 1772, haver na classe muitos individuos opulentos e alguns até millionarios; além d'isso frequentemente chegavam outros de Hespanha e de Portugal, e todos ricos ou quando menos abastados. ³

Estes refugiados, até fins do seculo xvii conservam a apparencia de christãos e as praticas do culto catholico. Só entre 1690 e 1700 começam a não baptisar os filhos. ⁴ O primeiro registo de circumcisões existente é de 1706. Os casamentos até 1705 celebravam-se nas igrejas, e os contrahentes recebiam sempre as bençãos; d'ahi por diante compareciam perante o padre para ser consignada por este nos assentos da parochia a declaração do mutuo consentimento. De bençãos não ha menção nunca mais, nem mesmo quando haviam corrido banhos, ou fôra requerida ao papa dispensa de consanguinidade. Vê-se que a função do paroco era só registar o contracto, e assim, pela complacencia do poder ecclesiastico, se excluía a parte religiosa, para só se aproveitarem as disposições que importavam para os effeitos civis. ⁵

Quando sobrevinha a morte continuava esta invasão do sagrado pelo profano, ou melhor do christianismo pela synagoga. Emquanto ostensivamente catholicos, sepultavam-se os portuguezes nas igrejas, mas desde 1710, epoca em que, como vimos, tinham já rompido os laços com a religião antiga, realisavam-se as inhumações em cemiterio proprio d'elles, na cêrca dos franciscanos, que para isso cederam o terreno, a troco de um emprestimo de dinheiro. Ainda neste caso se dava a intervenção do paroco, que concedia a licença para o enterro, exigida pela lei; e esse sabia perfeitamente ser o recinto privativo dos judeus declarados. É o que mostra o factio, succedido em 1719, de ser annullada a licença, para sepultar uma filha de Isaac Gomes, de seis annos de idade, que se reconheceu fôra baptisada com poucos dias, em perigo de vida, e por isso se transferiu o cadaver para o cemiterio paroquial. Até 1725 o local é designado nos documentos publicos como *le cimétière de messieurs les portugais*, d'ahi por diante, todavia, *le cimétière de messieurs les juifs*. ⁶ Nessa epoca, e até mesmo

cherchent à se retirer d'ici: Caspard Gonzalès et Alvarès ont quitté depuis peu, qui étaient des plus considérables parmi eux. *Nous nous apercevons que le commerce cesse.* Théophile Malvize. *Les juifs à Bordeaux.* (1875) p. 132.

¹ Cirot, *Recherches sur les juifs espagnols et portugais à Bordeaux* (1909) p. 31.

² «Les juifs forment en cette ville un corps de négociants très considérable et très riche. Il y en a plus de trois cents, qui font un commerce très étendu, soit dans les armements soit dans la banque... Il y a bien des années ils étaient en petit nombre, à peine étaient-ils dix à douze familles qui faisaient le commerce. Aujourd'hui ils ont ramené à eux seuls la moitié de celui qui se fait à Bordeaux.» Cit por Cirot, *Recherches*, p. 31.

³ «Combien de riches particuliers, même des millionnaires n'y a-t-il pas dans ce corps. On y compte les premières maisons de la place de Bordeaux. D'ailleurs il s'accroit tous les jours par les familles qui se réfugient d'Espagne et du Portugal. Il en est arrivé un nombre à Bordeaux depuis dix ans ou environ, et toutes riches ou très aisées.» Cit. por Cirot, *Id.* p. 41.

⁴ Cirot, 172.

⁵ *Idem*, 156 e seg.

⁶ *Id.*, 108 e seg.

mais tarde, enterravam-se os protestantes á beira das estradas, ou no fosso da cidade; e os doentes fallecidos sem os sacramentos no hospital, em um terreno vago, e quasi á flor da terra, de modo que muitas vezes eram os cadaveres devorados pelos cães. Os judeus foragidos da Peninsula não podiam portanto queixar-se de que neste exilio lhes faltassem regalias. Não eram porém sómente as que se acabam de referir.¹

Na synagoga persistia a tradição do governo theocratico, e este pretendia irradiar fóra do seu ambito especial, que era o templo. Isso estava em harmonia com a mente israelita; o singular é que o poder civil favorecesse a pretensão em vez de, como era crível, a contrariar. A tudo o que importava á vida religiosa, templo, culto, cemiterio, beneficencia, escola hebraica, presidia uma commissão de notaveis denominada a *Sedaca*, que requeria a intervenção dos magistrados, quando tal era necessario para as suas decisões serem respeitadas. Quando algum dos fieis se mostrava remisso em pagar as taxas do culto e do ensino, intervinha o magistrado municipal. Isso porém não era tudo; a synagoga tambem se arrogava o direito de policia exterior. Assim em 1730 fez expulsar da cidade os vagabundos de naturalidade portugueza; em 1744 exigiu a saida de trinta e cinco familias, de allemães e italianos, todas israelitas; em 1761 promoveu a prohibição de ficarem na provincia outras que vinham da Alsacia.² O fim era manter uma especie de privilegio de castas, porque os judeus da Peninsula julgavam-se o patriciado da raça, desprezavam os de outra origem, não se uniam por matrimonio com elles, não os admittiam no templo nem mesmo no cemiterio; e este sentimento conseguiam impô-lo aos proprios christãos. Em Bordeus os judeus de Avinhão e os de origem allemã, para não serem expulsos, faziam-se ante as autoridades passar por portuguezes.³ Os conceitos de Isaac Pinto que dizia escrevendo a Voltaire, — «um judeu portuguez de Bordeus e um judeu allemão de Metz parecem dois entes absolutamente diversos,» — admittia-os a administração publica. A distincção só desapareceu quando no periodo revolucionario todas as que havia em França se aboliram. Ainda assim quando em 1790 a Assembleia Nacional decretou a emancipação dos judeus esta abrangia apenas os conhecidos por espanhoes e portuguezes, e os de Avinhão; os da Alsacia e até os de Paris sómente no anno seguinte entraram no direito commum.

Os israelitas de Bordeus podiam pois com justo motivo considerar-se a aristocracia da raça. Intellectualmente sobrelevam talvez aos de Amsterdam, a quem a disciplina estreita da synagoga não consentia largos vôos, salvo excepções raras, logo excluidas pelo anathema da communhão judaica. Dos mais conhecidos são: Jacob Rodrigues Pereira, nascido em Portugal e circumciso em 1721, aos seis annos, em Bordeus, celebre como antecessor do padre L'Epée no ensino dos surdos-mudos; Isaac Pinto,⁴ que foi moço para Amsterdam, grande capitalista, autor da famosa apologia da nação judaica em refutação aos assertos de Voltaire

¹ Cirot, 137.

² Idem, 62, 63, 68.

³ «Le Conseil désirant prendre une connaissance exacte et détaillée de tous les juifs qui habitent dans la ville de Bordeaux, sous la qualification de Marchands portuguais ou qui s'y sont introduits et qui ont une espèce de domicile, quoique Avignonois, Tudesques ou Allemands»... Arch. départ., cit. por Cirot, p. 65 nota 1. Sobre o mesmo factio fala tambem Reinach, *Hist. des israël.* cit. p. 279.

⁴ Ou de Pinto, como assignava, sem duvida por affectação de fidalguia, á moda franceza.

no *Diccionario philosophico*, de um *Ensaio sobre o luxo*, e do *Tratado da circulação e do credito*, em francês como os outros seus escriptos, publicado em 1771, e traduzido em allemão e inglês, obra no seu genero a primeira que appareceu, e ainda hoje classica; ¹ Abrahão Furtado, partidario ardente dos girondinos, eleito em 1806 para presidir ao congresso de notaveis israelitas, convocado por Napoleão, em Paris, do qual resultou o definitivo reconhecimento dos direitos que em França competiam aos da religião mosaica. O pae do ultimo, Elias Furtado Ferro saiu de Portugal em seguida ao terremoto, e residiu em Londres, onde Abrahão nasceu em 1759, esteve depois em Bayonna, e finalmente em Bordeus. Um de seus netos, desprezando o preconceito que separava os judeus portuguezes dos oriundos da Allemanha, desposou uma Fould, judia da Alsacia, e foi pae de M.^{me} Furtado Heine, afamada em toda a Europa por actos de dadivosa philanthropia. De Jacob Rodrigues Pereira descendem os celebres financeiros Emilio e Isaac Pereire, que tão notavel acção exerceram em França no seculo XIX. ² Todos estes, e outros de menos relevo, dão credito á reputação de superioridade dos judeus portuguezes, que Isaac Pinto reivindicava perante as ironias do implacavel adversario da sua raça.

Em Bordeus, apesar de prevalecer em numero a procedencia portugueza, era o castelhano a lingua preferida no culto e actos pertencentes á vida interna da communidade. Nella se acha escripto o primeiro livro das circumcisões, que alcança a 1723, o regulamento — *Libro de nuestras leyes y constituciones*, — e o das actas da *Sedaca*. Do meio do seculo em diante os assentos são quasi todos em francês, provavelmente porque os cargos passaram a ser exercidos por individuos já nascidos em França, os quaes deviam formar a maioria. Tambem os nomes portuguezes se afrancesavam, por corrupção da pronuncia e orthographia, como Lameyre, Dacosta, Nounes, Pereire, Brandon, etc. Nas lapides ainda existentes no cemiterio são muitos os appellidos portuguezes, entre elles Dias, Cardoso, Pereira de Azevedo, Corrêa da Silva, Pinto, e este assás caracteristico Alpalhão; todavia em cerca de trezentas inscrições deixam de ser em castelhano só duas. ³ Esta mesma lingua acaba por se perder, como denotam os barbarismos e erros grammaticaes. O idioma dos antepassados tornara-se lingua sagrada, reminiscencia de sons sem exacto significado, como é para os catholicos incultos o latim das orações que recitam.

Nantes, cujo porto no seculo XVI mantinha avultado trafico com a Península, foi igualmente logar de refugio buscado pelos christãos novos, a quem primeiramente os duques de Bretanha, em seguida os reis de França, concederam cartas de naturalisação. Lá se acolheram tambem partidarios do prior do Crato, que, só por o serem, podemos suppôr eivados do judaismo. Uns e outros viviam strictamente como catholicos, baptisados, casados, sepultados segundo os ritos

¹ Werner Lombart assignala o logar proeminente da obra de Isaac Pinto na literatura economica (*Die Juden und das Wirtschaftsleben*, 1911, p. 113), Roscher varias vezes a cita no mais importante dos seus livros, (*Grundlagen der Nationaloeconomie*). Referindo-se aos emprestimos dos estados diz Pinto que são a alchimia realisada; esta phrase caracteriza a sagacidade do autor e o sentido da obra.

² Ambos os irmãos foram do parlamento no tempo de Napoleão III. Emilio creou o primeiro caminho de ferro que houve em França e as duas grandes companhias do Norte e do Meiodia, assim como a de Navegação Transatlantica, ainda hoje uma das mais importantes da Europa.

³ Cf. Cirot, cap. 4, 5, 6, *passim*.

da Igreja, mas o exemplo de Bordeus assás prova o que taes demonstrações significavam como symptoma de fé genuina. Salvo uma ou outra excepção, commerciantes ou medicos, as profissões não deixam duvida sobre a qualidade da crença d'estes portuguezes. De toda a maneira, porém, o ambiente em extremo catholico não era favoravel ao judaismo, e tinham de sujeitar-se a apparentar aquillo que no sentimento intimo repelliam. Nenhum portanto ousou declarar-se, e os impacientes, ao cabo de pouco tempo, dirigiam-se a outros logares, como fez o avô de Espinoza, que esteve em Nantes, onde ficaram outros parentes, antes de ir para Amsterdam.¹

Ainda assim o povo suspeitava d'elles e tinha-os realmente por judeus, de modo que mais de uma vez os exaltados tentaram lança-los da cidade. Chegou ao auge esta disposição de animo em 1636, quando sendo os judeus expulsos de Bayonna foram acolher-se a Nantes, o que deu occasião a tumultos de gravidade. Ou por esse motivo, ou, como é mais provavel, por haverem reconhecido que o judaismo não podia ali desabrochar, os portuguezes, que durante algum tempo haviam tido parte preponderante no commercio local, ausentaram-se pouco a pouco. Com isso cessou a corrente immigrante, e pode-se dizer que no seculo XVIII já d'esta colonisação não havia mais que a memoria.

Tambem em Ruão existiam judeus portuguezes, dos quaes, não ha noticia conhecida antes da restauração. Antonio Vieira tentou interessa-los na causa de D. João IV, quando em 1646 foi á Hollanda; parece porém que as negociações não tiveram seguimento efficaç. Lá se imprimiram obras de Antonio Henriques Gomes e Manoel Fernandes Villa Real, — « dois portuguezes enxertados em gallos » — como lhes chama D. Francisco Manoel de Mello, talvez por descortinar nos escriptos uns relampagos de audacia que a oppressão mental na Peninsula não permittia. O primeiro passou depois á Hollanda; Manoel Fernandes Villa Real, que não pertence á dispersão, pois não estava em fuga nem fôra banido de Portugal, voltou por infortunio seu á patria, e então colheu-o a Inquisição. A sua obra *Politico christianissimo*, em louvor de Richelieu, publicada em 1641, incorrêra na suspeição do tribunal, que lhe mandou riscar certas passagens. Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, que tinha queixas d'elle, de quando se achavam em Paris, ao serviço do embaixador marquez de Niza, denunciou-o como judaizante, particularizando que na Semana Santa usava ir a Ruão, onde estava sua mulher, para comer o cordeiro pascoal com os judeus seus amigos. Preso, confessou o judaismo, mas foi omisso nas declarações, pelo que o condemnaram á morte. Ainda tentou salvar-se, completando as confissões no auto da fé; debalde, porém, porque os inquisidores não lhe julgaram sincera a contricção, que só ao temor da morte attribuiram. O autor do *Anti-Caramuel*, e do *Principe vendido*, (a primeira obra em defesa de D. João IV, a segunda na de seu irmão D. Duarte) morreu garrotado, e foi-lhe queimado o cadaver no Terreiro do Paço a 1 de dezembro de 1652. Assistiu á solemnidade o soberano que porventura nem um olhar compassivo lhe lançou. Benignidade e gratidão, se é que alguma vez por elle as sentira, dissipavam-se ante o horror convencional do crime e o pavor verdadeiro do tribunal.

Os hebreus portuguezes cultores das letras tiveram sempre, ao que parece, as boas graças de Richelieu. Do numero foi João (ou Moisés) Pinto Delgado, que em

¹ Cf. J. Mathorez, « Notes sur l'histoire de la colonie portugaise de Nantes ». *Bulletin Hispanique*, T. 15, p. 316 e seg.

1629 dedicou ao cardeal o *Poema de la Reyna Ester*,¹ impresso em Ruão. Da sua vida e peregrinações não ha segura noticia, ainda a mais summaria. Annos antes viera a Paris, suppõe-se que a convite do marechal d'Ancre, que o conhecera na Italia, Filipe Rodrigues de Castello Branco, conhecido por Elias Montalto, irmão de Amato Lusitano, e medico celebre como elle. Tratou da rainha Maria de Medicis, pelo que gozava de bom credito na côrte. Em 1615, por occasião dos casamentos reaes, foi até Irun no sequito de Isabel de Bourbon, noiva de Filipe iv. No regresso falleceu em Tours, e a rainha viuva mandou-lhe embalsamar o cadaver, que foi transportado de Nantes para a Hollanda, fazendo-lhe comitiva um filho, um sobrinho, e o rabino Saul Levy Morteira, que foi mestre de Espinoza a quem depois excommungou.

*

* *

Leorne, Bordeus e Amsterdam eram os portos de preferencia buscados pelos hebreus portuguezes que se exilavam. Em nenhuma parte porém encontravam refugio que lhes sorrisse como em Hollanda. Desde que se estabeleceu a Inquisição no reino acolheram-se muitos a Antuerpia, o que as relações de commercio lhes facilitavam. Em julho de 1544 foram tantos os que chegaram na armada, que se commoveram as auctoridades, e o governo de Flandres mandou indagar de como e porque vinham, e que fazendas traziam.² Nos archivos da Inquisição abundam as denuncias sobre os portuguezes que ali judaisavam, e de 1545 em diante Carlos v decreta providencias contra elles, mas, declarada a revolta, os judeus encontram abrigo seguro nas provincias rebelladas. A Hollanda vem a ser para elles a nova terra de promissão.

Os primeiros d'esses emigrados eram da familia Lopes Homem, e estabeleceram-se em 1590 em Amsterdam. Em 1598 chegou a familia Franco Mendes, um de cujos descendentes redigiu a chronica d'esta colonisação.³ Em 1604 foi um grupo numeroso de fugitivos de Hespanha aportar a Emdem, indo de lá juntar-se aos portuguezes de Amsterdam. Estes já desde 1595 exerciam sem ser molestados o culto israelista, ainda que, por mais de vinte annos, sem autorisação legal. Em 1598 já tinham casa propriamente para synagoga, e pouco depois tambem cemiterio.

Pelo que respeita á vida civil, os refugiados encontravam accessiveis as mesmas profissões, que por inclinação e uso hereditario tinham sido seu patrimonio na Peninsula: o commercio e a medicina. As demais eram-lhes na maior

¹ Atido a Barbosa, *Bibl. lusit.* confunde Keyserling (*Sephardim*, p. 153 e seg., *Geschichte der Juden in Portugal*, p. 273) a João Pinto Delgado com outro seu homonymo, tambem christão novo e poeta, que viveu annos antes. Veja-se a este respeito a *Noticia ácerca da vida e obras de João Pinto Delgado*, por Souza Viterbo, 1910.

² Carta de João Rebello, feitor em Flandres, cit. *Arch. Hist.* T. 8, p. 26.

³ « Mem. do estabelecimento e progresso dos judeus portuguezes e espanhoes nesta famosa cidade de Amsterdam, recopiladas de papeis antigos impressos e escriptos no A.º 5529 » (1769), Ms. por David Franco Mendes. Cf. Kayserling, *Gesch. der Jud.* p. 278. O sr. dr. Mendes dos Remedios dá a resenha d'esta obra em *Os judeus portuguezes em Amsterdam*, p. 88 e seg.

parte vedadas, como privilegio das corporações respectivas, á excepção das que podiam importar aos ritos e ao culto, como a impressão e venda dos livros de religião e lingua hebraica, o negocio de carnes e aves para o consumo segundo o preceito mosaico, o de medicamentos e drogas. Como pequeno commercio era-lhes tambem permittido o das roupas novas e usadas, que exerciam os judeus procedentes da Europa oriental, sendo ainda hoje, em toda a parte, uma das occupações preferidas dos individuos da raça. ¹

Tentando romper a teia das prohibições um d'elles, em 1658, requereu licença para advogar no tribunal do Estado de Hollanda, que lhe não foi concedida. ² Em compensação, no dominio especial que lhes fôra reservado não havia limitações. Na bolsa de Amsterdam adquiriram logo posição vantajosa. Desde o principio da immigração houve corretores portuguezes de nomeação dos magistrados: primeiramente dois; em 1612 achava-se o numero elevado a oito. ³ Entretanto a tolerancia não era geral. O sentimento religioso, o preconceito de raça, o receio que tinham os naturaes de se verem esbulhados, nas profissões abertas, pela actividade e destreza de perigosos competidores, influiram em certos estados para coarctar-lhes a entrada; e d'ahi proveio que, em 1651, o parlamento da republica, mediante proposta dos delegados da Hollanda, resolveu que não seriam admittidos os individuos de confissões estranhas em logares diversos d'aquelles onde na occasião se achavam residindo. Em virtude d'isso não puderam os portuguezes estabelecer-se nos portos de Frisa e Zelanda, que offerciam grandes vantagens para o commercio, limitação que aliás passado algum tempo caiu em inobservancia, até finalmente ser abolida pelo *stathouder* Guilherme III. ⁴

Além de séde de um commercio avultado, a Hollanda foi o centro de cultura da raça hebraica após a expulsão da Peninsula. Ali, ainda com pouco desenvolvimento da communidade, já tinham typographia; ali muitos se revelaram poetas e floresceram os mais doutos rabinos; ali se formou, amadureceu e fructificou o intellecto supremo da raça nos tempos modernos, Bento Espinoza, cujo nome ficará para engrandece-lo a par d'aquelles que, na penumbra dos seculos, representam para ella o alvorecer da religião e da nacionalidade. Nasceu em Amsterdam, de familia emigrada de Portugal, mas evidentemente de origem hespanhola. Um historiador israelita ⁵ dá-lhe como antepassado D. Diogo de Espinoza, que foi presidente de Castella de 1566 a 76, e inquisidor mór. Provavelmente não acertou. Ha mais Espinozas entre os christãos novos da Peninsula. O genio dispensa a ascendencia illustre, e os Espinozas de Castella desaparecem no deslumbramento do judeu ignorado que, a polir o cristal das lentes em Haya, concebia os theoremas da *Ethica*, e as discussões do *Tratado Theologico-politico*. A synagoga tinha-o expulsado com anathema; o estado calvinista prohibira-lhe os escriptos; a igreja de Roma verberou-o como atheu; que importa? Do seu espirito faiscaram lumes que darão para sempre claridade ao pensamento humano; Goethe, Lessing, Herder declaram-se seus discipulos; os pensadores mais nobres dos tempos modernos consideram-se herdeiros do seu espolio mental.

¹ Koenen. *Geschied. der Jod. in Nederl.* cit. p. 176 e 247.

² Id. 253.

³ Id. 180.

⁴ Id. 170.

⁵ Id. 349.

Sem ponto de comparação, que seria grotesca, com o grande Espinoza, genio que é do patrimonio universal, Manassé ben Israel é, dentro do judaismo orthodoxo, o vulto proeminente pelo intellecto na colonia portugueza. Nasceu, segundo a opinião mais seguida, cerca de 1604, em Lisboa, que para sempre deixou quando, no anno seguinte, seus paes, por temor da Inquisição, saíram do reino. O appellido christão da familia ninguem lh'o descobriu ainda. Prégador aos quinze annos, rabino aos dezoito na synagoga portugueza, pela extensão do saber e pela acção que exerceu na mentalidade do seu povo, os correligionarios collocam-no a par de Moisés Mendelssohn, a quem os judeus de Allemanha devem a sua emancipação intellectual, e só inferior a Maimonides, que foi a mentalidade excelsa do judaismo em Hespanha. Escreveu em hebreu, latim, espanhol e portuguez, e contam que sabia dez linguas. Foi a mais celebre das suas obras o *Conciliador*, em que tentava pôr de accordo o ponto de vista christão com as opiniões judaicas. O livro, trasladado a latim, suscitou o interesse dos sabios, e teve na Inglaterra particular acceitação dos puritanos. Tambem foi d'estes estimada outra sua obra, a *Esperança de Israel*, que trata da dispersão das dez tribus e as pretende identificar com os indios da America, these que ainda no seculo passado teve quem a propugnasse. O que porém mais notabilizou Menassé ben Israel foram as suas diligencias ante Cromwell e o Parlamento para consentirem o regresso dos judeus á Inglaterra, de onde se achavam expellidos desde 1290. Apesar da boa vontade do Protector, que submetteu o assumpto á decisão de um conselho de letrados, a tentativa abortou, pela opposição popular. Os proprios correligionarios da Hollanda não lhe deram apoio. Confiavam mais na protecção dos Stuarts, por cuja restauração se interessavam, e viam com desgosto a intimidade de um dos seus homens evidentes com os proceres da republica. Menassé, abandonado d'elles, viveu algum tempo em Inglaterra de soccorros pecuniarios de Cromwell, e ainda com subsidios d'elle se transportou em 1657 a Amsterdam, acompanhando o cadaver de um filho muito querido, Samuel ben Israel, que lhe honrava o nome pelo talento e pelo saber, e a quem a universidade de Oxford conferiu as honras de doutor em medicina e philosophia. Dois menses depois, crivado de acerbos pesares e desillusões penosissimas, fallecia tambem elle proprio. ¹

Alliada a este notavel hebreu encontramos a familia illustre de Isaac Abravanel, pelo casamento de uma sua descendente com Manassé. Irmão d'esta senhora foi Manoel Martins Dormido, ou David Abravanel, que morou em Pernambuco quando da occupação hollandeza. Mandado pelo cunhado a Inglaterra, foi elle que apresentou o primeiro requerimento a Cromwell para a readmissão dos judeus no paiz, preparando o terreno para as diligencias posteriores de Manassé. ² Da mesma estirpe procedia o medico José Abravanel e Jonas Abravanel, seu filho, mencionado entre os poetas da estirpe judaica, como autor de alguns versos castelhanos. ³

¹ Pormenores biographicos em Koenen, 158 e seg., 331 etc.; Hyamson *A History of the jews in England*, 1908, p. 181 e seg.; *Jewish Encyclopedia*; *Bibliotheca Lusitana*, T. 3.º p. 457. Keyserling, *Gesch. der Jud.* 285; *Sephardim*, 197; *Mem. da Lit. port.*, 3.º, 334; etc.

² Juntamente pediu a intervenção do Protector para o indennisarem de prejuizos que lhe produziram certas confiscações em Pernambuco. Ms. do Museu Britannico, Coll. Egertoniana, cit. no *Catalogo de Figanière*, p. 201.

³ Segundo Keyserling. (*Gesch. der Jud.*, 310 e 311, e *Bibl. esp.-port-jud.* verb. Manoel

Isaac ben Matatias Aboab da Fonseca representa outra família hebraica das de consideração. Nasceu em Castro Daire, ou segundo outra opinião em S. João de Luz, e foi aos sete annos para Amsterdam, onde morreu em 1693. Traduziu do hespanhol a hebraico a *Porta do Céu*, obra cabalística celebre de Abrahão Cohen Herrera. Durante a occupação hollandeza esteve em Pernambuco, de onde regressou em seguida á reconquista pelos portuguezes.¹

Abrahão Zacuto, ou *Zacuto lusitano*, recorda-nos o astrónomo afamado do tempo de D. Manoel, seu avô. Foi celebre na medicina como aquelle o tinha sido nas mathematicas. Nasceu em Lisboa, estudou em Coimbra e Salamanca; saiu de Portugal em 1625 e fez-se circumcidado aos cincoenta annos; falleceu em 1642.²

Gabriel ou Uriel da Costa é a figura mais tragica da emigração portugueza em Hollanda, e certamente uma das mais tragicas do judaismo. Não foram as dôres lancinantes do pôtro o seu martyrio, nem as chammas da fogueira lhe lamberam as carnes contrahidas no espasmo do contacto ardente e do terror. Melhor destino fôra esse, e a agonia incomparavelmente mais curta. Os tormentos passou-os a sua alma insoffrida, na busca da eterna verdade, e perdida na vã tentativa de conciliar com ella os aspectos transitorios do formalismo religioso. A luta durou mais de vinte annos, desde que abandonou o Porto, sua patria, para abraçar o judaismo em Amsterdam, até que em 1640 com uma bala esphacelou o cerebro, onde todo esse tempo haviam tumultuado aspirações e revoltas.

Em Portugal fôra, segundo parece, clérigo. Incapaz de dissimular, buscou como tantos outros na fuga a liberdade de adorar o creador ao modo que a sua consciencia lhe impunha. Circumcidou-se; mudou de nome. Gabriel lembrava em demasia o christianismo; passou a chamar-se Uriel. Em breve porém verificou que, se o testamento novo contrariava principios que tinham sido o pharol da sua raça através das gerações, a synagoga por seu turno os torturava para tolher a liberdade humana. Onde o seu espirito julgava se lhe deparasse a simplicidade da crença antiga, encontrava os dez mandamentos do Sinai diluidos nos seiscentos e treze preceitos coordenados pelos autores do Talmud. A cada hora, e para cada acção ainda a mais insignificante da vida, um rito, uma formula. Offender uma só d'essas prescripções era crime nefando. O pharisaismo que na sua educação catholica aprendera a detestar, era o que encontrava na terra da liberdade. E para tal abandonara patria, amigos e condição afortunada!

Contra isso revoltou-se-lhe o animo altivo. Em 1623 deu á estampa o livro *Exame das tradições phariseas conferidas com a ley escrita, por Uriel, jurista hebreu*, desafio lançado aos rabinos, e em que não sómente contestava a legitimi-

Thomás e Jonas Abravanel), José Abravanel devia ser o medico Luiz Gomes de Medeiros, de Guimarães. Para isso parece não haver mais fundamento que os versos de Miguel de Barros:

Jonas Abravanel, canoro hermano
Del gran Manoel Thomas, que el «Lusitano
Phenix» en las Terceras Islas hizo.

em que a palavra *hermano* melhor se tomará no sentido figurado por serem um e outro poetas.

¹ *Gesch. der Jud.* 294.

² Acerca d'elle publicou o sr. dr. Maximiano Lemos um estudo, *Zacuto Lusitano e a sua obra*, Porto, 1909.

dade das praxes do talmudismo, senão que chegava a negar a immortalidade da alma. Esta ultima parte constituia crime publico, e a synagoga, escandalizada e sequiosa de vingança, denunciou-o ás autoridades civis, que o puniram com multa e prisão. Mas a penalidade mais terrivel foi-lhe imposta pelos correlianos: a excommunhão.

Isso representava a exclusão do templo e de todas as relações pessoaes com os individuos da crença hebraica, mesmo os parentes mais proximos; o desprezo dos amigos, as injurias publicas, a existencia intoleravel pela geral hostilidade, manifestada na perseguição aberta e em toda a especie de picuinhas que o fanatismo e a ferocidade theologica sugeriam. Annos depois, Espinoza mais atilado, e talvez instruido pelo exemplo, libertou-se pela ausencia, deixando explodir a distancia os anathemas. Uriel deixou-se ficar, e fez frente aos assaltos, para duas vezes capitular, exausto na lucta intima em que se lhe debatia a razão incerta. A primeira ao cabo de quinze annos. Cançado, declarou-se prestes á submissão, abjurou os erros e foi novamente admittido na Synagoga. Tinha-lhe morrido a mulher; os irmãos repelliam-no; os bens tinha-os confiado a amigos que, para o espoliarem, encontraram razão na consciencia devota a dizer-lhe cumprirem um acto de justiça divina. Rendia-o á discrição o infortunio.

Mal porém se tinha reconciliado accusaram-no outra vez de violar a lei divina, tomando alimentos não preparados á moda judaica; foi artifice do novo conflicto um sobrinho. A inquisição acompanhava os judeus á Hollanda; invertidos os motivos, o espirito era o mesmo, e só não se revelava em factos de violencia demasiada por não o permittirem as circumstancias. Ainda assim quando sete annos depois, Uriel solicitou novamente a reconciliação, teve de sujeitar-se á pena canonica, a flagellação no templo. Os fieis acudiram em numero a presenciarem o castigo do reprobado; nos candelabros ardiam as tochas negras do ritual, e as vozes no recinto refletiam ecos das maldições do Sinai. A impressão do scenario, a humilhação padecida foram para o infeliz muito mais do que o seu animo combalido podia supportar. Apesar de tudo não conseguia a paz da consciencia. Voltou a casa arrependido da fraqueza e desenganado do poder da razão ante a tyrannia das seitas. Então, com um gesto de bravura, encontrou no suicidio o socego que a alma lhe pedia.¹

Miguel ou Daniel Levi de Barros é uma das mais curiosas individualidades do judaismo portuguez. Como typo social pertence á familia das personagens de novella contemporaneas. Percorre o mundo de aventura em aventura, alegre e sentimental, ousado nos lances graves, submisso na má fortuna, destro piloto por entre as syrtes de uma accidentada existencia, até que a morte o redime na velhice da indigencia perpetua. Polygrapho incansavel, foi o poeta e chronista do exilio. Os seus escriptos disputam-nos com afan os bibliophilos; percorre-os é

¹ Este pathetico assumpto inspirou a Gutzkow, em 1833, um conto, os *Saduceus de Amsterdam*, de que tirou tres annos depois a tragedia celebre *Uriel Acosta*, e tambem foi com exito romantizado por Israel Zangwill, judeu inglês, no livro *Dreamers of the Ghetto*. O sr. dr. Mendes dos Remedios consagra-lhe um capitulo na obra *Os judeus portuguezes em Amsterdam*, Coimbra, 1911. A bibliographia ali mencionada convém accrescentar: *Uriel Acosta's Leben und Lehre, ein Betrag zur Kenntiss der Moral wie zur Berechtigung der Gutzkow'schen Fictionen ueber Acosta*, por Hermann Jellinek, Zerbst, 1847, (outra edição em 1874 de que dá noticia a *Jewish Encyclopedia*) e *Zur Erklarung und Kritik der Gutzkow'schen Tragodie*, por A. Jellinek, irmão do precedente, Leipzig 1847, cit. por Keiserling, *Gesch. der Juden in Port.*, 286. A biographia na *Bibl. Lusit.* é assás minuciosa e merece lêr-se.

contemplar a vista panorâmica do judaísmo peninsular. A todas as figuras de algum relevo intellectual consagrou um verso, uma linha; a todos os martyres uma commovida menção. *Judeu perseguido*, lhe chama Ticknor, ¹ sem motivo, porque nunca tal foi. De paes e avós portuguezes, nasce perto de Cordova, passa a infancia em Argel. Em 1659, achando-se em Italia, converte-se ao judaísmo por sugestão de uma tia; no anno seguinte sae de Leorne, — « com cento e cincoenta e duas almas de Israel » —, ² diz elle, com destino á America; enviava em Tabago, talvez já de regresso á Europa; em 1668 encontramo-lo em Bruxellas, capitão ao serviço de Hespanha; onze annos depois em Amsterdam, porque em Flandres o queriam matar. Porventura foi antes motivo da fuga o terem-no reconhecido por judeu. Ali lhe decorreu a vida em batalha constante contra a esquiva fortuna. Vate impecune, indistinctamente, a judeus e a christãos, quando esperava um favor ou requeria uma esportula, dedicava os cantos da sua lyra. Mecenas elle proprio, inseria entre as suas as composições de poetas bisonhos, alguns dos quaes só por intermedio d'elle ficaram conhecidos. O elenco das suas obras é extenso; a *Flor de Apollo*, o *Coro de las musas*, o *Triunpho del gobierno popular* são das que melhor lhe revelam os dotes. Poesia lyrica, historia, drama, cabalistica, religião, politica, philosophia, em tudo o que naquelle tempo atrahia a curiosidade humana tocou a sua avida intelligencia; e necessariamente, por isso mesmo, em nenhum ramo foi excellente. Faltava-lhe além d'isso a base da solida educação humanista. Foi evidentemente um genio a quem mingua a cultura. ³

Não menos fecundo, porém sem duvida mais rico em cabedal de estudo, de mais brilho portanto, se mostrou Antonio Henriques Gomes, que tambem como Barros divagou por varias provincias do saber da epoca, levou como elle vida errante, e serviu em posto igual a Hespanha na milicia. Philosopho, moralista, theologo, poeta e comediographo, como tal se apresenta aos leitores no prologo de uma de suas obras. Da sua fecundidade se pode julgar sabendo-se que de 1640 a 49 saíram da imprensa nove volumes seus. A ambição litteraria levou-o a tentar o poema epico, com o *Sansão nazareno*, em que cantou o heroe da raça, destroçador de philisteus, mas não attingiu a elevação propria do genero. E' recommendavel nas poesias lyricas, algumas repassadas da sentida amargura do proscripto. « Sobre ter engenho é desaproveitado e phantastico », diz o autor dos *Apologos dialogaes*, que o julga severamente a proposito da obra *Politica angelica*, em que encontra corrupta doutrina, tratando-o por isso de *politico contagioso*. N'esta obra, impressa em Ruão, onde esteve com Manoel Fernandes Villa Real, era muito atacado o Santo Officio. *Luis dado de Dios* é o titulo de um poema em louvor de Luiz XIV, dado á estampa em 1645 em Paris. A côrte de França sabia ser caroavel aos profugos da Peninsula, e os vates retribuiam o beneficio na moeda cunhada pelas musas. Como autor dramatico Antonio Henriques Gomes produziu vinte e duas peças, entre ellas uma sobre Fernão Mendes Pinto, em duas partes; algumas foram representadas em Hespanha com o nome de emprestimo de Fernando de Zarate, que se supunha ser um

¹ *History of spanish literature*, New York, 1854. T. 2, p. 549.

² Cit. por Keyserling, *Sephardim*, p. 266, nota.

³ Para a lista extensa de suas obras veja-se Keyserling. *Bibl. esp.-port. jud.*; para a biographia *Sephardim*, p. 256, 265 e seg., e a *Bibl. Lusit.*

ecclesiastico.¹ Gomes teve por terra de naturalidade segundo uns a Hespanha em Segovia, segundo outros Portugal; seguramente porém filho de portuguezes. Em Madrid usava o nome de Henrique Henriquez de la Paz. Ausentou-se de Hespanha, sem duvida para escapar á Inquisição, que lhe queimou a estatua em Sevilha. Pelos logares de impressão das suas obras collige-se que esteve em Bordeaux, Ruão, Paris e finalmente em Amsterdam.²

Entre os poetas menores figuram Paulo de Pina que, indo em 1599 a Roma no intuito de se fazer religioso, preferiu a circumcisão ao habito, e se passou para a Hollanda; David Jesurun, *el poeta niño*, mediocre vate, principalmente conhecido por um soneto portuguez a celebrar a memoria do martyr Diogo da Assumpção, queimado em 1603 por judaismo; Manoel ou Jacob de Pina, todos tres de Lisboa; e ainda outros mais.³

Esta immigração da Península não tinha para o povo de Hollanda o caracter repulsivo da gente israelita, ignorante e sordida, trazida da Allemanha pela miseria, e mal consentida por elle. Pode-se dizer que todos os refugiados de Hespanha e Portugal tinham posição social definida; a maior parte um peculio modesto; alguns a riqueza; e sendo que a medicina e advocacia eram profissões caras ao judaismo, não faltavam graduados das universidades. Valhadolid, Salamanca e Coimbra davam contingente avultado. D'ahi provinha a média de intelligencia e fortuna, que prestou brilho á colonia luso-hispanica de Hollanda no seculo xvii. A musa da poesia teve numerosos adeptos, e se a maior parte dos portuguezes compuzeram em castelhano, ao gosto da epoca, alguns tambem se serviram do falar nativo. Nenhum porém em qualquer dos idiomas revelou dotes eximios, e em geral a inspiração é debil, o verso incorrecto e duro, a linguagem trivial ou pretenciosa. Antonio Henriques Gomes é dos poucos que se exceptuam. Sem embargo, a todos os senões sobreleva o culto saudoso da patria para sempre perdida, que essas tentativas revelam, e o affecto pela lingua que, para uns era aquella em que as primeiras impressões da existencia foram balbuciadas, para outros reconstituia a ambiencia em que o espirito se lhes havia formado.

A corrente da epoca, muito effectiva na Hollanda, onde abundavam os cenaculos litterarios, levou os hebreus a fundarem tambem a sua academia denominada *de los Floridos de la Almendra*, ou dos *Sitibundos*, da qual tambem fizeram parte algumas damas. Entre essas requiere menção Dona Isabel Corrêa, muito versada em linguas e litteratura, e que traduziu em verso castelhano o *Pastor fido* do humanista Guarini. O que valiam essas poetisas? Fosse o que fosse, a civilização peninsular fazia desabrochar na Hollanda, entre os hebreus, a flor do talento feminil, que só muito mais tarde, e para desaparecer logo, se manifestou na Allemanha, nas judias celebres da epoca do romantismo.⁴ E' verdade que estas tinham cortado as peias do judaismo; aquellas, christãs da ves-

¹ Segundo Ticknor todas as peças de Gomes, excepto uma, *A lo que obliga el honor*, teem pouco merecimento. *Hist. of spanish lit.* cit. T. 2, p. 414.

² Para os dados biographicos é recommendavel Keyserling, *Sephardim*, p. 216 e seg.

³ D'este ultimo transcreve o sr. dr. Mendes dos Remedios uma *Canção funebre* á memoria do Haham Saul Levi Morteira, *Os judeus port. em Amst.*, p. 113.

⁴ A mais famosa d'ellas Henriqueta Herz, apaixonada de Guilherme de Humboldt e Schleiermacher, era filha de Benjamin de Lemos, judeu portuguez, (ou espanhol?) e portanto affirm das judias de Hollanda.

pera, acabavam de entrar nelle. Quando a religião predominou, a hebreia de Hollanda regressou á obscuridade virtuosa recommendada pelos rabinos.

A maior parte d'esta poesia impregnava-se do sentimento religioso inseparavel da alma israelista. Salmos traduzidos, invocações ao Altissimo, paraphrases das escripturas, preito aos martyres e lamentos de um povo exilado, era o em que a musa judaica principalmente se revelava. Raros sacrificavam á mythologia pagã, tão fecunda, e que era, em seguida ao Renascimento, a fonte de toda a poesia; o lyrismo, com o amor por motivo, pode-se dizer que só nas composições do theatro se encontra. A Biblia e o povo de Israel, as esperanças d'este e os seus pesares offereciam á musa judaica motivo perenne de inspiração.

Pela mesma causa era a sciencia divina objecto de interesse geral, e os mais cultos individuos, devolvidos ao ambiente espirital que fôra o dos seus maiores, tinham, como elles, por timbre estudar os assumptos versados pelos rabinos. Assim os medicos deram apaixonados theologos á commuidade. Taes foram o afamado Isaac Orobio de Castro, natural de Bragança, contraditor de Espinoza, e polemista exaltado contra o christianismo; Samuel da Silva, autor do *Tratado da immortalidade da alma*, em refutação de Uriel da Costa; Abrahão Ferrar, do Porto, que se dizia *judcu do desterro de Portugal* e publicou a *Declaração das 613 Encomendações*, glosa dos preceitos do Talmud.

Nesta especie, do mesmo modo que na poesia, adquiriram outros ainda reputação local, entre esses muitos nativos e oriundos de Hespanha, que aqui não pertence considerar. Sem embargo, em sentido geral, faziam parte da commuidade portugueza. Para a gente do paiz, e para os hebreus idos da Allemanha, eram todos judeus portuguezes, portuguez era o templo e os ritos, e se a lingua não tinha a predominancia litteraria era porque o dominio extranho e a moda tinham feito mais estimada a alheia, ainda mesmo em Portugal.

Na descendencia dos portuguezes de Amsterdam notabilisou-se entre outras a familia Belmonte. Jacob Isaac de Belmonte, da Madeira, foi um dos primeiros immigrados e o fundador da dynastia. Um de seus netos, Jacob Abrahão de Belmonte, passou o appellido a hollandez, e assignava-se van Schonberg. Foi encarregado de negocios da Hollanda em Madrid, e transferido no posto para Lisboa, onde falleceu em 1717. Tinha o favor de Guilherme III de Orange, e do archiduque Carlos, por serviços prestados quando pretendentes, um á corôa de Inglaterra, o outro á de Hespanha. Carlos agraciou-o com um titulo de nobreza e um senhorio em Brabante. Os Belmontes, que chegaram a grande opulencia, foram em tres gerações successivas agentes de Hespanha em Amsterdam, e os Nunes da Costa, que tambem usavam o appellido de Curiel, igualmente ricos, agentes de Portugal. Os estrangeiros maravilhavam-se de ver investidos em taes cargos os judeus, tão odiados nos dois paizes. E' que a razão da hostilidade desaparecia na fronteira, e o sentimento religioso, que se invocava, era realmente o menor motivo da perseguição.

Recolhidos á Hollanda, os emigrados da Peninsula recobravam, com os direitos da consciencia, a individualidade como grupo á parte. As leis que lhes diziam respeito eram dirigidas á *nação hebrêa*, cuja autonomia ficava por esse modo reconhecida. As affinidades, que a veneração commum pela Biblia creava entre o judaismo e o protestantismo, incitavam legisladores e povo á benevolencia. Os exilados viram por isso renovar em seu favor as mesmas prerogativas que tinham fruido os antepassados na patria antiga. Era-lhes permittido manter todos os usos e costumes não offensivos á ideia christã. As dissidencias entre elles resolviam-nas os rabinos, ou os anciãos da Synagoga, que pronunciavam

o laudo e recebiam as custas como os tribunaes communs. Se tinham de ir a estes ultimos, havia formula de juramento especial para elles, adequada á crença, e os processos que caíam aos sabados eram transferidos para outros dias. As mulheres permaneciam juridicamente na posição de inferioridade tradicional entre o povo hebreu; até 1699 a herança passava sempre aos herdeiros masculinos, e só em dezembro d'esse anno a pratica foi abolida por determinação legal. O casamento obrigatorio da viuva sem filhos com o cunhado, conforme impõe a Biblia, se bem que opposto ás praxes do protestantismo, era admittido, precedendo licença especial dos Estados Geraes, e de cada vez o caso provocava discussão, entre rabinos e juristas, sobre a interpretação da lei mosaica. O que as leis nunca reconheceram foi o direito ao repudio pelo marido, e as cartas chamadas de *guête*, que se usavam na Peninsula. O marido contrahia outras nupcias na synagoga, mas se a esposa repudiada recorria aos tribunaes, o novo matrimonio era nullo. A lei civil reconhecia a communhão de bens no casal, contraria aos usos judaicos, e por isso era de balde que as viúvas recusavam ás vezes pagar as dividas existentes á morte do marido; os tribunaes decidiam invariavelmente em beneficio dos credores. Isto porém não eram contras que invalidassem o particularismo caro aos hebreus, e não admira pois denominassem estes a cidade, onde tantas regalias lhes facultavam, a sua nova Jerusalem. ¹

Assim o numero dos refugiados ia crescendo consideravelmente, o que, com a fecundidade usual do israelita fazia avultar a colonia entre a população nativa. Na segunda decada do seculo xviii, logo em seguida á paz de Utrecht, contavam-se em Amsterdam cerca de 2400 familias israelitas de origem peninsular, entre as quaes muitas de grande fortuna, ² que com orgulho conservavam a tradição de casta, em face dos correligionarios humildes e pobres, que incessantemente entravam da Allemanha. Algumas affirmavam direitos ao brazão de casas fidalgas de que pretendiam descender, como se vê de monumentos existentes ainda no cemiterio, e tambem no de Londres e de Altona. Em breve porém a superioridade do numero e da situação social se afogou na inundação vinda de leste. No fim do seculo os judeus luso-hispanicos eram somente tres mil, ao passo que os de procedencia tudesca excediam a dezanove mil. Muitos dos portuguezes tinham emigrado para Hamburgo, para Inglaterra e para as colonias da America; outros encontraram vantagem em abraçar o christianismo. Mais tarde eliminou-se o preconceito de casta, e a phalange maior absorveu o numero menor. ³

Hoje o que existe em Hollanda com o nome de judeus portuguezes não passa de um residuo insignificante das emigrações numerosas do seculo xvii. A lingua, tradicionalmente usada nas familias, desapareceu do uso corrente. A principio foi o portuguez usado em tudo o que dizia respeito á administração interna da synagoga, na escola e mais estabelecimentos que della dependiam. As prédicas faziam-se em castelhano ou portuguez, á vontade do orador, mas para os estudos theologicos e o mais que pertencesse á sciencia dos rabinos, empre-

¹ Cf. Koenen, *Gesch. der Jod. in Nederland*, cit. p. 240 e seg. Curiosas informações em *Os judeus portuguezes em Amsterdam*, do sr. dr. Mendes dos Remedios, cap. 2.

² Idem, 211.

³ Idem, 219. Segundo o sr. dr. Mendes dos Remedios, obra cit. p. 54, computa-se ao presente em cinco mil o numero de judeus portuguezes em Amsterdam.

gava-se o castelhano. Uma corrupção deste idioma é o meio de expressão dos judeus, quando querem affirmar pela linguagem a origem peninsular. Ainda se redigem às vezes em português barbaro certos avisos religiosos. Isso, os nomes de familia, e a tradição de casta nobre, é tudo o que nos judeus portuguezes de Hollanda representa remiiscencias da patria antiga.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

Judeus portuguezes na dispersão

II

Em Antuerpia, ainda após a revolta dos Paizes Baixos, eram numerosos os portuguezes de crença hebraica, e, não podendo á vontade praticar os seus ritos, iam á Hollanda casar-se na synagoga, e para as circumcisões. ¹ Entretanto o interesse, a necessidade e talvez o antigo instincto de nomades, despertado pelas circumstancias, incitavam os immigrados a novas migrações. Assim como os *tudes-cos* — d'este modo os portuguezes designavam os correligionarios oriundos da Allemanha — á mingua de occupação, que lhes subministrasse os escassos meios á vida indigente, que era a sua, transbordavam para a Hollanda, da mesma forma os judeus luso-hispanicos, já em numero excessivo no paiz de refugio, infiltravam na região contigua para leste. Hamburgo foi a principal colonia d'elles, mas convem dizer que já antes da emigração de Hollanda lá se encontravam alguns, que tinham ido directamente, já no tempo de Filipe II, já de Antuerpia e Dunkerque, desde que em 1601 foi permittido aos christãos novos sairem de Flandres. Em 1612 eram, conforme o censo, em numero de 125, excluidas as creanças; ² e em 1709 havia na bolsa vinte corretores portuguezes. Mas já em 1784 foi preciso completar o numero com judeus allemães, signal de faltarem aquelles, de quem era por concessão do Estado a regalia. ³

Como na França e em Hollanda, viviam elles a principio como christãos, e ainda em 1609 faziam baptisar os filhos e eram sepultados entre os catholicos. Em 1627 tinham cemiterio proprio em Altona, e com a tolerancia das autoridades faziam reuniões para os actos cultuaes, o que deu motivo a representações do imperador Fernando II, indignado contra o Senado, que por interesses do trafico favorecia a superstição judaica. Já nesse tempo se havia fundado o Banco de Hamburgo, no qual apparecem interessados muitos portuguezes, como denotam os nomes Alvares, Azevedo, Brandão, Cardoso, Costa, Gomes, Nuno, Rodrigues da Paz, Saraiva, e ainda outros, todos esses sem duvida alguma judeus. ⁴ Em geral exerciam o commercio, principalmente o da farinha, assucar e tabaco, outros eram corretores, ourives, lapidarios, padeiros, manipuladores de tabaco. Havia tambem medicos e armadores de navios. O commercio da Peninsula, com



R.

12818

(11) V.

¹ Cardozo de Bethencourt, *Lettres de Menasseh ben Israel à Isaac Vossius*, p. 8.

² Keyserling. *Sephardim* p. 309, informação extraída de Reils, *Beiträge zur ältesten Geschichte der Juden in Hamburg*.

³ Grünwald, *Portugiesengräber auf deutscher Erde, Beiträge zur Kultur- und Kunstgeschichte*, Hamburg, 1902, p. 9.

⁴ Grünwald, *Portugiesengräber*, p. 8.

o trafico opulento dos generos ultramarinos, fôra trazido por elles para Hamburgo, e essa era a razão invocada pelo Senado contra os protestos pela tolerancia religiosa, ou pelas regalias, como por exemplo as da bolsa relativas aos corretores. Aos armadores, porém, não foi permittido continuarem o negocio, quando surgiu a opposição dos competidores da terra. Tiveram de transferir-se para Altona, trocando o pavilhão de Hamburgo pelo dinamarquês. O impulso que então deram á navegação para a Groenlandia parece ter sido importante, porque ficou memorado.

Protegidos pelo governo do Estado e prosperos no commercio, os hebreus portuguezes denominavam Hamburgo a pequena Jerusalem do exilio. A grande era Amsterdam.¹ Entretanto não tinham as mesmas regalias que em Hollanda, e as cohibições attingiam ás vezes a raia da aspera intolerancia. Os lutheranos eram lá mais fanaticos. Uma vez assaltaram a casa do residente do Imperio, com o fito de lhe destruir a capella.² Igual desacato ia succedendo a Christina de Suecia quando celebrou, — é certo que com censuravel ostentação —, na sua residencia uma festa catholica, e foi necessario intervir a força publica para defender a rainha, já então sem corôa, hospede da cidade. Os judeus não podiam ter predios, — fez-se excepção para o doutor Rodrigo de Castro, o famoso medico, por serviços relevantes prestados em occasião de epidemia —, e deviam morar tanto quanto possivel ao lado uns dos outros, em o mesmo bairro. O cemiterio, como vimos, era em Altona, territorio contiguo, mas dominio, naquelle tempo, da Dinamarca. O culto tinha de ser privado, e não se juntando para elle mais de quinze familias de cada vez. Aos domingos e outros dias santificados era-lhes vedado o commercio, assim como andarem de carruagem. Os pastores protestantes chegaram a requerer que, assim como os judeus pelo preceito da sua lei se abstinham de viajar aos sabados, lhes fosse igualmente prohibido, em respeito ao christianismo, fazerem-no ao domingo. Em 1648 pediam os portuguezes protecção contra o populacho, que os perseguia com pedradas e navalhas. Os rapazes, ao sairem das escolas, apupavam-os.³

Por outra parte não deixavam elles, com a costumada leveza de animo, de provocar a hostilidade, já pela ostentação da crença a que era adverso o sentimento publico, já pela de riqueza e poderio, que offendia o patriotismo. Certo regulamento de 1650 determinava que nas assembleias religiosas só lhes era licito orarem, ficando-lhes defeso reprehenderem qualquer interpretação ou commentario da escriptura, o que necessariamente foi sempre letra morta. Muito ao revez d'isso davam causa para lhes ser exprobrado o praticarem os actos cultuaes com algazarra, toques de trombeta e incommodo dos vizinhos; injuriarem na rua os ministros protestantes, chamando-lhes de face *diabos*, ou desafiarem-nos á discussão, dizendo que elles não entendiam os escriptos de Moisés e dos prophetas; e chegarem mesmo a insultar a imagem de Christo. Dado o zelo intempestivo que sempre os judeus mostraram, não repugna dar credito ás imputações. Os ecclesiasticos requeriam providencias radicaes: fossem os intrusos praticar o seu culto na cidade vizinha. «Calvinistas, papistas e anabaptistas, — diziam —, teem as suas igrejas em Altona; os judeus não são melhores que elles.» Ao mesmo

¹ Koenen, *Geschiedenis der Joden in Nederland*, p. 431, que transcreve de Basnage, *Hist. des juifs*.

² *Portugiesengräber*, p. 16.

³ *Ibid*, 15.

passo accusavam-os de violarem as leis sumptuarias, affrontando a população com o luxo dos trajos, das joias e pedrarias; de fazerem casamentos e enterros com excessivo apparato de côches e acompanhamentos; de andarem de carruagens sumptuosas, como só convem ás pessoas de categoria; finalmente de se jactarem que para seus interesses corrompiam os funcionarios. ¹

O Senado, conciliador e tolerante, buscava satisfazer as reclamações dos naturaes, sem todavia demasiadamente offender a susceptibilidade dos opulentos hospedes, que de vez em quando faziam ameaças de abandonar a cidade. Recomendava-lhes moderação no luxo, e cautela no culto; que, quando ao sabado accendessem as suas lampadas, cerrassem as cortinas, para não dar o facto nas vistas do povo; que pessoalmente evitassem as ostentações, (*das Stolziereu nachzulassen*). ² Os proprios rabinos reconheceram o inconveniente do exhibicionismo, e intervieram para se adoptar mais recato nas ceremonias da synagoga, e modestia na vida exterior dos fieis. Até foram prohibidas as mascaras nas festas do *Purim*. ³

Não só contra o lutheranismo insoffrido, senão tambem contra o imperio catholico, o Senado de Hamburgo defendeu a liberdade de crenças, invocando os interesses superiores da cidade. Em 1647, Diogo Teixeira, que fôra pagador em Flandres, — «movido sem duvida pelo diabo», diz um documento da chancelaria de Vienna —, ⁴ declarou-se pelo judaismo, e na propria sexta feira da paixão se fez circumcidado, assim como a dois filhos; na apostasia acompanharam-no a mulher e uma sobrinha. O caso produziu escandalo, e as autoridades imperiaes pediram a prisão de Teixeira, como réo de lesa majestade divina, e o confisco dos bens para a corôa. Recusou o Senado, e por espaço de vinte annos, que tanto durou a contenda até á morte de Teixeira, mostrou-se continuamente inflexivel. A solicitações e argumentos oppunha sempre as conveniencias do interesse. Allegava que os judeus hespanhoes e portuguezes residentes em Hamburgo eram gente socegada e muito commedida no uso da sua fé. Por industria d'elles se tinha adiantado consideravelmente a navegação e o commercio; perseguidos havia o risco de se passarem a outras terras com prejuizo do commum dos cidadãos. E, quando uma vez foram mais vivas as instancias, quasi em tom de ameaça replicou o Senado com ousadia que nas cidades commerciaes e de grande trafico maritimo, os processos absurdos da inquisição, e as cubiçosas praticas do fisco eram coisas nunca ouvidas e de nenhum modo admissiveis. ⁵ Assim protegidos não admira que os hebreus facilmente affrontassem a desaffeição dos fanaticos, e dessem mostras da sobrançeria que com frequencia lhes imputavam.

No meio do grupo d'estes estrangeiros, na maior parte opulentos e presumptuosos, cuja ausencia tanto temiam os governantes, o outro ramo da raça, os *tudescos*, formava uma plebe desprezada e sem direitos, que só no decurso dos

¹ Keyserling, *Sephardim*, p. 311.

² *Portugiesengräber*, 16.

³ *Ibid.*, p. 24. Identica deliberação havia tomado annos antes, é de crêr que por motivo igual, a comunidade de Amsterdam. Cf. o Reg. extratado pelo sr. dr. Mendes dos Remedios em *Os judeus portuguezes em Amsterdam*, p. 31.

⁴ *Ibid.*, 123. Este é o famoso Abrahão Senior Teixeira, agente da Suecia, em cuja casa residiu a rainha Christina, quando esteve em Hamburgo.

⁵ *Ibid.*, 124.

annos se emancipou. Por officio, estes desfavorecidos mendigavam ou eram criados dos portuguezes. As mulheres, ao serviço domestico, se casavam, tinham de buscar residencia fora da cidade; tal era o regulamento da comunidade israelita, reconhecido pelas autoridades civis. Quando porem o numero dos adventicios foi crescendo, caiu a pratica em desuso, e tambem elles tiveram regalias. Em 1659 começaram a pagar a taxa cultual, e como contribuintes foi-lhes reconhecido o direito de morarem — *com a nossa nação* —, como diz o assento respectivo nos livros da synagoga. ¹ D'ahi por diante desapareceu a separação official entre as duas classes de israelitas; tambem aos párias antigos sorriu a fortuna, e não tiveram elles na vida em commum de se aperceber de outra differença a não ser a que o orgulho da sua innata nobreza persuadia aos portuguezes.

Contigua á cidade de Hamburgo, Altona era onde os portuguezes tinham o cemiterio. Em 1618 perdeu Christiano iv a soberania de Hamburgo, que entrou de novo no imperio, continuando a cidade vizinha a pertencer á Dinamarca. Em 1703, por causa de certas dissensões no seio da Congregação portuguesa, foram trese familias viver para Altona, onde o rei Fernando iv lhes concedeu franquias que não tinham em Hamburgo. Era politica da corôa dinamarquesa chamar esta gente operosa, e já em 1622 Christiano iv se tinha dirigido aos *parnases*, ou chefes da comunidade hebraica, de Amsterdam, a offerer liberdade de culto a quem quizesse ir para os seus dominios. Já vimos que os judeus armadores de navios haviam transferido os negocios para Altona. Materialmente prosperou a colonia, e em 1729 foi concedido a seus membros o direito de burguesia. Os portuguezes deviam predominar em numero sobre hespanhoes e *tudescos*, pois se conservou a lingua por muito tempo, e ainda em 1828 eram os estatutos da escola israelita redigidos em portuguez. ²

Mais perto da foz do Elba, Glückstadt igualmente attraiu os portuguezes não só de Hamburgo, como de França, e directamente de Hespanha e Portugal. Christiano iv mandara publicar que recebia em seus estados todos os perseguidos por motivo de religião: catholicos, protestantes ou judeus, de qualquer parte que viessem. O porto offerencia grandes vantagens á navegação, e foi até certo tempo superior ao de Hamburgo, por se achar livre dos gelos no inverno. Do primeiro grupo ali chegado faziam parte Abrahão da Fonseca, rabino, e Moisés Gedeão Abudiente, de Lisboa, que em 1633 publicou em Hamburgo uma grammatica da lingua hebraica em portuguez. Aos colonos foi concedida, além do exercicio livre do culto, ampla liberdade de profissões, das quaes nenhuma lhes era defesa, sem embargo dos usuaes privilegios dos corpos de officios, porventura em razão do pouco desenvolvimento que então teria a população. Logo á chegada tiveram licença para typographia e cessão de terreno para cemiterio. ³ Nada obstando estes favores, não se radicou a colonia portuguesa no local; os *tudescos* tomaram-lhe as posições, e no primeiro quartel do seculo xviii já o commercio para Hespanha e Portugal tinha passado ás mãos d'elles. Em 1732 foram os privilegios abolidos, com o motivo de já não existir na cidade nenhuma das

¹ *Portugiesengraeber*, 41.

² *Ibid.*, 68.

³ *Ibidem*, 128 e seg.

primitivas familias. Entretanto ainda se encontram no cemiterio as campas de um Henriques em 1825, e em 1853 um Musaphia. ¹

D'estes pontos, que formavam nucleos, havia irradiações individuaes para outras partes. Em Friedrichstadt, no Schleswig, onde tambem eram tolerados os judeus, depara-se-nos entre os habitantes Daniel Cohen de Azevedo em 1675, e d'ahi a dois annos Jacob Musaphia. Na batalha de Doggersbank distingue-se um judeu de nome Almeida, capitão de um corsario, e não é licito duvidar que tenham muitos outros casos escapado á investigação. ²

Talvez mesmo mais que em Hollanda conservou o elemento judeo-português a vitalidade, sem se confundir com a sociedade ambiente, em Hamburgo e na região contigua. Nos vinte annos anteriores a 1749 ainda entre os corretores da bolsa se vêem os appellidos Andrade, Belmonte, Brandão, Castro, Fonseca, Mendes, Lemos, e os de Abundana, Jesurum, Musaphia, que por não pertencerem á lingua não são menos portuguezes. Em harmonia com o sentir tradicional, por occasião do terremoto de 1755, resolveu a Congregação de Hamburgo que houvesse um dia de jejum geral com o correspondente serviço do culto. No cemiterio de Altona só lentamente vão desaparecendo os nomes portuguezes perante a invasão tudesca. De uma lista incompleta, porque parte dos monumentos foram destruidos pela alienação de terreno, fazem parte ainda alguns, como Brandão, Fernandes, Lemos, Lobato, Silva, de 1813 a 1865. ³

Tambem na Allemanha houve entre os hebreus portuguezes individuos distinctos nas lettras e nas sciencias. Já se viu que o doutor Rodrigo de Castro se tornou benemérito de privilegios em Hamburgo. Nascera em Lisboa, em meados do decimo sexto seculo; estudou em Coimbra e Salamanca, e doutorou-se em medicina e philosophia na ultima cidade. Prestou serviços á Invencivel Armada durante a permanencia dos navios em Lisboa. Suspeito ao Santo Officio acolheu-se a Antuerpia, com mulher e filhos, e d'ali em 1594 passou a Hamburgo, onde já então se encontrava o doutor Henrique Rodrigues, que foi um dos primeiros portuguezes vindos áquella terra. Na peste que houve nesse anno distinguuiu-se por serviços. Escreveu sobre a sciencia medica em latim e portuguez, e gozou de reputação como sabio. Zacuto Lusitano denominou-o principe dos medicos do seu tempo; Christiano IV de Dinamarca, o arcebispo de Bremen, o duque de Holstein testemunharam-lhe alto apreço pelos talentos. Seu filho Benedicto de Castro teve tambem nomeada, e foi medico da rainha Christina de Suecia, quando esta residiu em Hamburgo. ⁴

Não menos celebre foi Manoel Bocarro Francês, natural de Lisboa, medico e astrologo, consoante no rosto de uma das suas obras, ⁵ formado em Montpellier, onde estudou tambem as mathematicas. Dedicou-se igualmente á astronomia, e á sciencia irmã espuria d'esta, a astrologia. Depois de haver por algum tempo exercido a medicina em Lisboa, expatriou-se, para Roma, onde teve

¹ *Portugiesengraeber*, 139

² *Ibidem*, 10.

³ *Ibidem*, p. 100 e adiante.

⁴ Keyserling, *Gesch. der Jud. in Port.* p. 278 e seg. O sr. dr. Maximiano de Lemos consagra-lhe algumas paginas na *Hist. da Medic. em Portugal*.

⁵ *Tratado dos cometas que appareceram em novembro de 1618, composto pelo licenciado Manoel Bocarro Francês, Medico & Astrologo, natural desta cidade de Lisboa, dirigido ao Illustrissimo Senhor Dom Fernão Martins Mascarenhas, Bispo & Inquisidor Geral nestes reinos & senhorios de Portugal, Lisboa 1619.*

trato com Galileu. Fôra denunciado á Inquisição na India por seu irmão Antonio Bocarro, ¹ que se tinha apresentado a confessar, mas pôde escapar-se a tempo. Em 1632 encontrava-se em Hamburgo e mereceu do imperador as honras de conde palatino. Compoz varias obras de astronomia e medicina e poesias em latim e portuguez. Jacob Rosales Hebreu foi o nome que tomou ao abjurar o christianismo. ² Medico foi tambem Benjamin Musaphia que, diz Miguel de Barros, *toca el gran clarin de la philosophia*; ³ este porém dedicou-se mais ás letras sagradas que á sciencia positiva. Commentou o Talmud de Jerusalem e produziu outras obras theologicas. Em 1640 publicou o livro *Sententiae Sacromedicae*, que lhe valeu um decreto de expulsão por blasphemias, tendo por isso que sair da cidade. ⁴ Merecem tambem menção entre os portuguezes de Hamburgo: Abrahão Senior Teixeira, já citado a proposito do conflicto da republica com as autoridades imperiaes; seu filho Isaac Senior Teixeira, ⁵ que foi no seu tempo o mais rico banqueiro da cidade, e como o pae agente de Christina de Suecia; e finalmente Duarte Nunes da Costa, conhecido por Jacob Curiel, agente de Portugal e filho de Jeronymo Nunes da Costa, que exercia igual cargo em Amsterdam. As cartas de Vieira a ambos estes fazem referencia, na epoca da sua viagem á Hollanda, e um e outro nome frequentemente se encontram na correspondencia dos representantes de D. João IV no estrangeiro. ⁶

*
* *
*

Entre os refugiados na Inglaterra não encontramos numerosos os medicos afamados, os theologos embebidos da sciencia rabinica, os letrados e os poetas, cultores das sonoras linguas peninsulares. Em uma nação, que meditava já captar para as suas brumas a riqueza disseminada por toda a terra, havia de ter logar de relevo o homem de negocio, e assim, com intuição segura do proprio inte-

¹ O Bocarro Francês e os judeus de Cochim e Hamburgo, art. do Sr. Pedro de Azevedo no *Archivo Historico*. T. 8 p. 186. Em appendice a este artigo vem transcriptas denuncias que nomeiam muitos portuguezes residentes em Hamburgo. P. 191 e seg.

² *Bibl. Lusit.*, T. 1.º p. 691. Keyserling. *Sephardim*, 209. Nesta mesma obra. p. 261 apparece mencionado José Rosales irmão de Manoel Bocarro Francês, e autor de um poema *Bocarro*, do qual Delietsch, critico israelita, afirma que merece ser lido como o *Araucana* de Erccilia e os proprios *Lusiadas*. Ha sem duvida confusão com o *Anacephaleosis* de que é autor o proprio Bocarro, e nesse caso é desmedido o elogio. Delietsch errou seguindo a Barrios, *Relacion de los poetas españoles*, e parece só por elle ter conhecido o poema que tão descompassadamente enaltece.

³ Keyserling, *Gesch. der Jud. in Port.*, 298.

⁴ *Portugiesengraeber*, 18.

⁵ A este delicou Jacob Judá Leão a tra luctção dos salmos de David *Alabanças de Santidad*, publicada em 1671 em Amsterdam. *Mem. de Lit. port.* T. 3.º, p. 250.

⁶ Sobre Jeronymo Nunes da Costa lê-se em um despacho para o Marquês de Niza, embaixador em Paris, de 23 de Janeiro de 1648: «Dizeis-me que lhe faça mercê, e porque o tenho nomeado meu agente com ordenado e vive fora do reino, e não é capaz, nem lhe servem as honras d'elle, julgara de entender de vós em que o posso beneficiar.» (*Bibl. Nac. de Lisboa*, Cod. 7163 a fl. 302). Parece pretendia autorisação para mandar navios de sua conta á India, a qual todavia não lhe foi concedida.

resse, negociantes eram os judeus que aportavam á Inglaterra. Passara o tempo em que os homens doutos, como Isaac Abravanel, eram tambem os esportos financeiros, e só mais tarde, após a gente do commercio, para lá foram os sabedores da lei. Dois medicos, idos no periodo inicial não se pode assegurar pertencessem aos grupos propriamente da dispersão. Homens de negocio é que de começo encontramos, e, como de 1290 em diante não era permittido aos individuos da crença mosaica viverem em Inglaterra, por catholicos se faziam passar.

Nos primeiros annos do decimo sexto seculo havia entre os habitantes estrangeiros de Londres os nomes de Costa, Lopes, Alvares, Mendes, evidentemente portuguezes, e tambem os de Meza e Caceres, castelhanos porventura; todos, pode-se asseverar, judeus. Com effeito, que outro motivo alem da perseguição moveria nesse tempo individuos da Peninsula a emigrarem para paiz de clima, gente, lingua e costumes tão differentes, e onde por conseguinte lhes eram as condições da existencia incomparavelmente mais duras? A elles ou a seus immediatos descendentes se deveria a denuncia, levada ao Conselho Privado em 1542, sobre a presença de judeus no paiz. Mandou o Conselho organizar a lista dos suspeitos, mas ou esta se perdeu ou nunca a ordem foi cumprida; o facto é que de nenhum procedimento d'ahi resultante ha noticia. Em 1550 foi julgado no tribunal do *lord-mayor*, e depois banido da Inglaterra, um physico hebreu de nome Fernão Lopes, de quem se não averigua a nacionalidade. ¹ No reinado de Isabel depara-se-nos outro medico israelita Rodrigo Lopes, portuguez, levado prisioneiro por Drake á Inglaterra. Nomeado em 1586 physico da real camara, estimado na côrte, privado do conde de Essex, intimo de D. Antonio, prior do Crato, quando este se achava em Inglaterra, envolveu-se nos tramas de Filipe II contra o pretendente portuguez e a rainha Isabel, e morreu por isso na fôrça, réo de conspiração. ²

No tempo de Cromwell cresceu o numero de christãos novos em Londres, e eram cêrca de duzentos em 1655. Assistiam uma vez por semana aos officios divinos na capella do representante de Portugal, Antonio de Sousa de Macedo, e reuniam-se em uma casa particular para o culto judaico. ³ Apesar das suspeitas ninguem invocava as leis contra elles; povo e governo antes os queriam judeus que papistas. Era assim o espirito dominante. O estudo das escripturas, sobretudo do Testamento antigo, a invocação frequente dos textos, o uso de nomes biblicos, o habito de interpretar as prophecias, a inimizade commum dos catholicos e até o espirito de intolerancia tambem commum, tudo isso mostra nos puritanos analogias de character e modos de pensar que os approximava da gente hebrêa. Em 1649 um entusiasta pede que o dia santificado da semana se transfira para o sabado. No Parlamento ha quem proponha que o Conselho de Estado conste, como o Synhedrio dos israelitas, de setenta membros. A politica andava sempre enrolada com a theologia. Nas discussões empregavam-se os anathemas e as designações da biblia. Os puritanos eram o povo escolhido, os adversarios, os amalecitas; o tempo dos Stuarts a escravidão do Egypto; o governo de Cromwell o quinto imperio do mundo; e nas bandeiras inscrevia-se em lemma e desenho o leão de Judá.

¹ Hyamson, *A history of the jews in England*, p. 124.

² *Ibidem*, 136.

³ Veja-se sobre isto *D. Luiz de Portugal*, por Camillo Castello Branco, p. 105 e seguintes.

Era a occasião propicia aos designios dos hebreus, que pretendiam a facultade do culto publico e a liberdade de se estabelecerem em Inglaterra. Em 1653, entre as reformas pedidas ao Parlamento por certo individuo de nome Samuel Herring, figura a chamada d'esses proscriptos. Os de Hollanda moveram-se, e á frente d'elles Manassés ben Israel. A traducção latina, dedicada á Côrte suprema, ao Conselho de Estado e ao Parlamento da Inglaterra da sua obra *Esperanças de Israel*, escripta primeiramente em castelhamo e vertida depois tambem em inglês, fôra acolhida com sympathia pelos letrados britannicos. O estudo das escripturas levava muitos a preoccuparem-se do destino das tribus perdidas de Israel, e havia quem annunciasse para breve a chegada do Millenio. Manassés pretende demonstrar a opinião, apresentada do lado dos puritanos, que os indigenas da America descendiam dos primitivos israelitas, e d'ahi concluia achar-se proximo o tempo em que o Messias tinha de vir. O exito da publicação foi grande. Os entusiastas desvaneciam-se de ver o douto rabino de Amsterdam em concordancia com os theologos puritanos, e duas edições inglêsas do livro se exgotaram rapidamente.

Manassés pensou em atravessar o canal, e ir pessoalmente defender perante a nação britannica a causa dos correligionarios, preparar-lhes lugar de refugio menos pejado que a Hollanda, onde não havia subsistencia para todos e muitos já tentavam reemigrar. Foi comtudo impedido de vir, por advertencias de amigos, que lhe agouravam mau exito, e mandou entretanto seu cunhado Manuel Martins Dormido, de nome hebreu David Abravanel. Cromwel acolheu graciosamente o emissario e mandou ao Conselho de Estado os requerimentos, para dar parecer, mas a decisão tardou e, no anno seguinte de 1655, Manassés em pessoa passou a Inglaterra, acompanhado de um filho, tambem doutor, e mais tres rabis. Em requerimento a Cromwell, e em um memorial que publicou, dirigido á nação britannica, exprimiu seus designios, a justiça das suas pretensões, e as vantagens que ao paiz traria o concurso dos da sua raça. Fazia notar que os judeus não precisariam fazer usuras, nem levar juros excessivos, por isso que tinham á disposição avultados cabedaes dos correligionarios retidos na patria, que podiam empregar com pouco ganho. Allegava que a epoca da redempção vinha proxima, faltando, para se cumprirem as prophcias e se achar o povo de Israel espalhado por toda a terra, que nas ilhas britannicas o admittissem. O requerimento foi, como o primeiro, submettido ao Conselho de Estado, que o passou a uma commissão de membros do Parlamento, juristas, theologos e homens de negocio, a que presidia o proprio Cromwell.

A este importava pouco a chegada do Millenio. Todo o seu empenho estava em promover o commercio, e os judeus, com as suas relações de trafico para a Peninsula, emporio dos generos do Oriente, e para os mercados levantinos do Mediterraneo, affiguravam-se-lhe desejaveis auxiliares. Tão abertamente patrocinava a causa destes proscriptos, que os adversarios lhe attribuiram o interesse á vaidade de ser por elles considerado o Messias, e assim lh'o darem a entender. Neste sentido saiu a lume um pamphleto que intitulavá o Protector *Leão da tribu de Judá*. Ao mesmo passo acordavam as antigas prevenções do povo, e acirravas a má vontade dos negociantes ingleses, temerosos da concorrência. Espalhou-se que os judeus pretendiam comprar a cathedral de S. Paulo, então fechada ao culto, e que o governo lhes ia arrendar as alfandegas, boatos malevolos, destinados a levantar contra elles a opinião. De uma e outra parte a paixão desabafava em pasquins e folhetos, que ainda mais inflammavam a contenda. O rumor das ruas, contrario á admissão, impoz-se afinal aos gerentes do estado, e

após longos debates, a comissão que tinha de resolver sobre a petição dos hebreus, pronunciou-se pela negativa. Não desanimando ante o mallogro da tentativa, a principio tão bem figurada, veio Manassés á liça com a obra *Vindiciae judaeorum* em defesa da communitate israelita, contra a qual tinham as ultimas discussões consideravelmente exaltado o sentimento publico, ¹ mas o esforço resultou improficuo, e nem sequer lhe trouxe a gratidão dos seus, porque, abandonado d'elles, foi com os soccorros do Protector que viveu algum tempo na Inglaterra, e se transferiu afinal á Hollanda, onde não tardou a morrer, em Mid-delburgo, em 1657.

Nesses annos, Antonio Fernandes Carvalhal, do Fundão, era entre os portuguezes a mais notavel figura do grupo israelita. ² Armador riquissimo, possuia as boas graças do Protector, talvez porque, pelas suas muitas relações no continente, o informava das tentativas dos Stuarts contra a republica. Pelo menos passava isso por certo. A Hollanda era o principal foco das conspirações, e em geral os hebreus manifestavam-se pelos principes exilados, contando com a victoria d'elles para lhes ser legalmente facultada a entrada em Inglaterra. Em torno de Carvalhal, astro de primeira grandeza, talvez menos opulentos, e de certo com menos influencia, encontramos certo Rebello ou Robles, egualmente do Fundão, Domingos Vaz de Brito, Simão de Sousa, cunhado de Carvalhal, Duarte Henriques Alvares, Antonio ou Abrahão do Porto e outros, entre elles alguns cujos nomes revelam procedencia castelhana antes que portuguezsa. ³ Mas, como se sabe, portuguezes eram pela designação commum todos os hebreus fugidos da Peninsula, e, pelas migrações constantes, muitos saídos de Portugal procediam de Hespanha, como em Hespanha muitos christãos novos havia, por nascimento ou por origem, portuguezes.

De ascendencia castelhana devia ser Agostinho Coronel Chacon, ⁴ todavia nascido em Portugal. Coronel fôra o appellido christão de Abrahão Senior, thesoureiro de Isabel a Catholica, quando em 1492 se converteu, e porventura tinha direito a elle o judeu de Londres, como herança dos antepassados. Chacon exer-

¹ *Vindiciae judaeorum, or a Letter in answer to certain questions on the Nation of the Jews.* Lond. 1656. Cf. Koenen. *Gesch der Jod.* cit. p. 6.

² Hyamson, loc. cit. p. 171, refere que Carvalhal foi genro de Antonio de Sousa de Macedo, que era igualmente christão novo, allegação destituida de fundamento. Tambem não consta que Antonio de Sousa, casado em Flandres com uma senhora de boa nobreza, de appellido Lemercier tivesse mais descendencia que um filho, que foi duas vezes barão: da Ilha Grande, por nomeação de D. Affonso vi, e de Mullingar, na Irlanda, por graça de Carlos II. O sogro de Carvalhal era outro, pae de um Simão de Sousa, mencionado em assentos da synagoga.

³ Nomes mencionados por Hyamson. p. 174; mas encontramos esses e alguns mais em uma denuncia feita á Inquisição de Lisboa, em 15 de março de 1659, por Antonio de Almada Mascarenhas, ouvidor da ilha de S. Thomé, entre esses Manoel Martins Dormido, cunhado da Manassés hen Israel, e seu filho Salomão Dormido, corretor na bolsa, onde fôra admittido com dispensa do juramento christão; Francisco Gomes, que estava escrevendo um livro contra a fé catholica, segundo informaram ao denunciante; Abrahão Peregrino, natural de França, que fôra religioso capucho, e ainda outros. (Nota extraída do caderno n.º 36 do Promotor, por obsequiosa indicação do Sr. Pedro de Azevedo, que já a este respeito fizera antes uma communicação á Academia das Sciencias.)

⁴ Denunciado á Inquisição em 1648 por professar o judaísmo em Ruão (Processo de Antonio Rodrigues Mogadouro). Em 1644 havia em Hamburgo um Jacob Coronel, cujo nome de christão era Gonçalo Lopes Coutinho, denunciado como muitos outros por judaisar. (Art. cit. do Snr. Pedro de Azevedo, *Arch. Hist.* T. 8, p. 193).

ceu as funcções de vice-consul de Portugal, e attribuem-lhe a primeira ideia do casamento da infanta D. Catharina com Carlos II. Plausivelmente por isso lhe concedeu este o fôro de cavaleiro (*Knightood*), para o que teve de abjurar o judaísmo.

Em 1655 tinha-se Antonio de Sousa Carvalhal naturalizado subdito britânico, juntamente com dois filhos. Foram estes os primeiros judeus reconhecidos por cidadãos da Inglaterra. Entretanto a sanção legal da existencia de individuos da crença mosaica no paiz só mais tarde appareceu. Viu-se como, apesar do patrocínio de Cromwell, a tentativa de Manassés ben Israel abortou. A opinião permanecia hostil, e por morte do Protector surgiram representações, a pedir a expulsão d'elles e o confisco dos bens, como determinavam as leis, mas o proposito não encontrou eco nos governantes, nem no publico desinteressado.

Outras questões de mais momento occupavam nessa hora as atenções. A republica sossobrava, á falta do braço robusto que a tinha mantido em tanta honra e poderio. Entrava um periodo de decadencia moral e politica com a monarchia dissoluta de Carlos II. Nessa epoca existiam em Londres trinta e cinco familias portuguezas. Entre os nomes notam-se os Pereiras, Oliveiras, Lousadas, Franco Gomes, Samuel da Veiga, doutor José Mendes Bueno e outros. A estes juntaram-se alguns, vindos de Amsterdam, e tambem os *tudescos*. Os judeus de Hollanda tinham prestado grande auxilio aos projectos realistas, nisto porventura de accordo com insinuações vindas de Portugal, e era corrente haverem contribuido com um milhão de *gulden* para a empresa da restauração. ¹ Não admira pois que muitos passassem o mar, na cauda do sequito real.

O casamento de D. Catharina concorreu para o augmento da colonia dos luso-hebreus. Na comitiva d'ella foram alguns para Inglaterra, entre esses o doutor Antonio ou Fernão Mendes, e André Mendes, moço da camara. ² Acompanharam tambem a rainha os mercadores Duarte da Silva e Diogo da Silva, seu filho, ³ encarregados de vender e reduzir a moeda, o assucar e pedrarias em que consistia a maior parte do dote de D. Catharina, pela penuria do thesouro do Estado não permittir entrega-lo em dinheiro. Duarte da Silva, que já estivera preso no Santo Officio por quasi sete annos, não voltou a Portugal e pôde ter-

¹ James Picciotto, *Sketches of anglo-jewish history*, 1875, p. 43.

² Idem, 44. Picciotto confunde este medico com outro do mesmo nome, que poderia ser igualmente christão novo, lente em Coimbra, chamado para tratar a D. Catharina, doente em Almeida, na viagem de regresso a Portugal, em 1692. Fernão Mendes e André Mendes da Costa figuram no testamento da rainha, com legados, equivalentes a um anno de salarios. Resta verificar se seriam as mesmas pessoas, que Picciotto menciona, e se a devota Catharina ousaria assim agraciar apostatas declarados, cujos nomes, diz o autor acima, mais de uma vez se encontram nos livros de assentos da primitiva synagoga portuguesa.

³ Duarte da Silva foi grande banqueiro e contratador, e prestou valiosos serviços de ordem financeira a D. João IV. D'elle fala Antonio Vieira nas cartas escriptas de Haya em 1648. O governo, na menoridade de D. Affonso VI, premiou-lhe os serviços com o fôro de fidalgo a Jorge Dias Brandão, seu genro, e alvará de promessa de uma commenda de Christo a João da Silva, seu filho mais novo, em reconhecimento do que fizera a beneficio da fazenda real, e nas gestões relativas ao dote na Inglaterra. Quando romperam as dissensões domesticas entre a rainha Catharina e Carlos II, este mandou prender a Diogo da Silva, com o pretexto da demora na entrega do dote.

minar em socego a existencia no credo de seus antepassados. ¹ Diogo da Silva e Antonio Mendes tão pouco voltaram. Uma filha do ultimo, nascida no palacio de Somerset House, residencia de D. Catharina, e sua afillhada de baptismo, desposou um primo, Antonio ou Moisés da Costa, opulento negociante, que foi director do Banco de Inglaterra, e o primeiro da sua religião que tal cargo exerceu. Na geração seguinte a familia regressou ao christianismo, o que permittiu a uma bisneta do doutor Antonio Mendes fazer parte da aristocracia britannica como mulher de *lord* Galway. ²

As memorias da communitade portugueza recordam alguns nomes que no seu meio especial foram notados, já por qualidades pessoases, já pela posição e riqueza. Alvaro da Costa negociante, cunhado de Antonio Mendes, saiu do reino em 1692. Passou em Ruão dez annos indo em seguida para Inglaterra. Teve um neto, Manoel Mendes da Costa, que deixou nome estimado como naturalista e philosopho. Esta familia foi sempre das mais consideradas do grupo hebraico.

Salomão Dormido, sobrinho de Manassés bem Israel, foi o primeiro corretor israelita da bolsa de Londres, nomeado em 1657. Em 1671 encontra-se no mesmo cargo outro judeu de origem portugueza, David Aboab. Ao terminar do seculo passaram por uma reforma os estatutos da bolsa, introduzindo-se nelles a disposição que permittia haver doze corretores da religião israelita, e doze estrangeiros; os de nacionalidade inglesa eram cem. Por aqui se vê a preponderancia que o elemento hebraico já tinha nas rodas commerciaes. Entre os doze corretores hebreus figuravam David de Faro, Benjamin Nunes, Elias Paz, evidentemente portuguezes, se não propriamente refugiados, da geração d'aquelles que o Santo Officio obrigava a expatriarem-se. ³

Dos letrados cabe nesta epoca menção dos irmãos Isaac e Jacob Abendana, e do doutor David Neto, como pertencentes á communitade portugueza, embora nascidos longe de Portugal. O primeiro, *cathedratico da lingua santa em Oxford*, segundo Antonio Ribeiro dos Santos, ⁴ ou simples empregado da bibliotheca de Cambridge, como diz Keyserling, ⁵ doutor em medicina e bom latinista, publicou o calendario judaico de 1696 em inglês, o primeiro que appareceu nessa lingua. Seu irmão, talmudista celebre, foi rabino em Londres, e deixou escriptos de controversia e litteratura religiosa. ⁶ Ambos nasceram em Hamburgo de paes portuguezes. David Neto, natural de Veneza, e tambem, por conjectura, de origem lusa, ficou famoso por ter dado á estampa o livro celebre das *Noticias reconditas*, em que saiu a publico a forma de proceder que usava a Inquisição com os seus réos. ⁷ Foi rabino da synagoga de Londres, muito estimado pelo saber e virtudes. « Grande latino, — diz um seu panegyrista — falava com energia em

¹ Em 1682 um preso na Inquisição depõe ter conhecido em Hamburgo a Isaac Israel da Silva Soliz, « que é filho de Duarte da Silva, e ambos foram d'esta cidade para Inglaterra, com toda a sua familia, na occasião em que a rainha foi para lá, e ouviu dizer que Duarte da Silva morrera professando a lei de Moisés e o dito seu filho é publico professor da mesma lei ». *Arch. Hist. Port.*, T. 8, p. 497, art. do sr. Pedro de Azevedo sobre o *Bocarro Francés*.

² J. Picciotto, 104.

³ Hyamson, 26.

⁴ *Mem. de Lit. port.* T. 3.º, 298.

⁵ *Bibl. esp. por. jud.*

⁶ *Mem. de Lit. port.*, T. 3.º, 276.

⁷ Publicado com o falso logar de impressão de Villa Franca, 1722, e sem fundamento attribuido ao padre Antonio Vieira.

português, pré-gava com facundia em castelhano, compunha com elegancia em hebraico, italiano e hespanhol; entendia o grego, francez e inglez.»¹

Antecessores dos Rotschids e proeminentes financeiros foram dois membros da congregação portugüesa, um na epoca de Guilherme III, outro na de Jorge II. O primeiro *Sir* Salomão Medina, tinha vindo de Hollanda com o *statthouder* quando se apossou do throno, e por serviços prestados ao thesouro real foi agraciado com a dignidade de cavalleiro (*knighted*), sem abandonar a sua fé, caso que pela primeira vez se deu em Inglaterra. Descendia provavelmente de Samuel Medina, copista em Lisboa no seculo xv, de quem existe um exemplar do Pentateuco do anno de 1469.² O outro foi o celebre Sampson Gideon, na synagoga Sampson Rehuel Abudiente, banqueiro riquissimo, amigo de Roberto Walpole, por cuja influencia obteve do Parlamento uma lei que o autorizou a adquirir propriedade territorial e crear um vinculo, o que até ahí nunca fôra consentido aos judeus. Devia ser neto de Moisés Gedeão Abudiente, de Lisboa, fallecido em Gluckstadt. Casou com uma christã de quem teve um filho, *baronete* aos quinze annos, em seguida *lord* Eardley, que veio a morrer sem descendencia.³

Em 1753 eram casas commerciaes das mais importantes de Londres as dos seguintes judeus portuguezes: Abrahão Osorio, Jacob Franco, Moisés Lamego, Pereira & Lima, Jacob Fernandes Osorio, Daniel Mendes Seixas, José e Francisco Salvador. Os dois ultimos, irmãos e associados, foram banqueiros riquissimos, e com elles teve relações de negocio Sebastião José de Carvalho e Mello, quando ministro plenipotenciario. Tinham estado e talvez nascessem na Hollanda, onde um d'elles foi director da Companhia das Indias, cargo que nenhum hebreu exercitara antes. Arruinou-os a fallencia d'essa companhia, e em parte tambem o terremoto de Lisboa. Outro judeu opulento de Londres foi Moisés Lopes Pereira que fugido á Inquisição, conseguiu ser em Vienna rendeiro dos tabacos, e teve o titulo de barão de Aguilar com que o agraciou o imperador Carlos VI. D'elle faz menção igualmente a correspondencia de Pombal.

Jacob de Castro Sarmento nasceu no anno de 1691 em Bragança; passou a infancia em Mertola, e estudou primeiramente em Evora e depois em Coimbra, onde se formou em medicina. Saiu do reino por temor do Santo Officio, ou por ambição de declarar a sua crença. Esteve em Hamburgo e Amsterdam, dirigindo-se por fim a Inglaterra em 1721. Distincto como medico, foi membro da Sociedade Real de Medicina, e publicou alguns escriptos de sciencia, assim como sermões e um romance sacro, fundado na lenda da rainha Esther.⁴ Contemporaneo d'elle e tambem orador sagrado foi o doutor Isaac de Sequeira Samuda, cujo ultimo appellido mais tarde designou uma notavel firma de constructores navaes.

A maior parte d'estes, se não todos os nomes portugüeses desapareceram

¹ « Sermam funebre para as exequias dos trinta dias do Insigne, Eminente e Pio Haham e Doutor R. David Netto composto pelo Dr. Isaac de Sequeira Samuda, medico do Real Colegio de Londres e socio da Real Sociedade em Londres 5488 » (1728.) Extractado em *Os judeus portuguezes em Amsterdam*, cit. p. 119.

² *Mem. de Lit. Port.* T. 2.º, 247.

³ J. Picciotto, 61.

⁴ *Bibl. esp. port. jud., Bibl. Lus., Hist. da medic. em Portugal*, cit. T. 2, p. 171, etc.

ha muito dos registos da synagoga. O ultimo quartel do seculo xviii e o primeiro do xix formam epoca de numerosas conversões, e torna-se opportuno notar que os judeus de origem peninsular deram o exemplo aos allemães e polacos. Muitos por occasião da conversão mudaram de appellido, outros desposaram christãs e os filhos adoptaram o que lhes vinha do lado materno. Tambem as mulheres levavam á communitade protestante o sangue peninsular. A riqueza proporcionava-lhes consorcios nobres. Uma neta de Jacob Israel Bernal a quem a synagoga levava a mal o matrimonio com uma *tudesca*, casou com o duque de Saint Albans, descendente por bastardia de Carlos II. D'este modo se alliou o sangue dos hebreus desprezado a um sangue de reis. ¹

O mais celebre dos apostatas foi Benjamin Disraeli, o estadista insigne, cujo titulo de *lord Beaconsfield* se sobrepoz ao nome inscripto na synagoga portugueza. De judeus portuguezes descendia, refugiados nos primeiros tempos da dispersão em Veneza, e circumcidou-o um parente materno, chamado David Abra-vanel Lindo. De ambas as partes pois entroncava em familia oriunda de Portugal. ²

Entretanto no templo conservava-se a lingua, e até 1819 nos actos referentes ao culto empregou-se exclusivamente o portugûês. D'ahi por diante usou-se paralelamente com o inglez, até prevalecer afinal o idioma do paiz. ³

*
* *
*

Da Hollanda irradiou a familia israelita para pontos varios do globo. A conquista de parte do Brazil pela Companhia das Indias Occidentaes levou lá muitos d'ella, que na communitade de usos e lingua encontravam o prolongamento da patria antiga. Para o hebreu pobre, que entre gente extranha e nem sempre sympathica, em um clima aspero, arrastava uma existencia dura, o Brazil com o seu ar tepido, seu fecundo solo, suas promessas de riqueza facil era uma nova Canaan. Os mais graduados na intelligencia, se os tocava o infortunio, não escapavam á seducção. Manassés ben Israel esteve a ponto de ir tambem. Ephraim Soeiro, seu cunhado, partira adiante, para tentar a fortuna, que aliás lhe não sorriu mais que em Hollanda. Em 1642 saiu para Pernambuco um troço de seiscentos emigrantes, á testa do qual, guias nos assumptos temporaes como o eram nos da lei sagrada, foram os rabinos Moisés Raphael de Aguilar e Isaac Aboab.

Ao chegarem a Pernambuco encontraram os peregrinos muitos dos seus, parte d'elles degradedos pelo Santo Officio, outros que voluntariamente teriam

¹ Picciotto, 158.

² Idem, 300

³ Hyamson, 312. Foi a desaparicção definitiva em 1822, quando a secção de beneficencia da synagoga resolveu que — *in future the minutes and accounts of this Charity be kept in the english language.* — Texto transcripto pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos na interessantissima relação de viagem *De Campolide a Melrose* (Lisboa 1915), p. 77.

ido de Portugal, christãos na apparencia até á chegada dos hollandezes. Não é de extranhar terem esses acolhido de braços abertos o invasor, a quem facilitaram, por avisos, e talvez por meios mais effectivos, a empresa, repetição do que novecentos annos antes os antepassados haviam feito em Hespanha com os arabes.¹ O novo dominador trazia-lhes a liberdade do culto, e, para d'ella participarem, muitos correligionarios acudiam das terras vizinhas.

Economicamente a colonia judaica prosperou tanto que ao retirar-se o Principe João Mauricio de Nassau, deixando o governo, para a Europa, em 1643, foi-lhe proposta a compra da sumptuosa vivenda que tinha, pela somma de seis toneis de ouro, para n'ella se estabelecer a synagoga.² Da vida espiritual tanto se comprazia que usava designar-se pelo titulo de *Santa Comunidade* (Kahal Kados).³ Entretanto não deixava de se pronunciar contra ella a opposição, umas vezes dos protestantes, outras dos catholicos portuguezes. É verdade que os calvinistas igualmente protestavam contra as procissões e ceremonias publicas praticadas pelos ultimos.⁴ Mas nos portuguezes não só o sentimento religioso influa, senão que tambem, como na Peninsula, causas de ordem economica lhes estimulavam a hereditaria aversão. Os hebreus continuavam a ser os mesmos destros negociantes e implacaveis crédores, de cuja avides sempre se haviam queixado os christãos. A presença d'elles era por isso importuna. Em 1637 a Camara de Olinda protestava contra a vinda d'essa especie de colonos.⁵ Na Assembléa dos povos, especie de côrtes convocadas no Recife, em 1640, por Mauricio de Nassau, os delegados da Parahiba requereram a sua expulsão.⁶ Votos baldados, a que nem o governo local, nem a Companhia das Indias soberana, attenderam. Não é portanto de extranhar que, por occasião da revolta, em 1645, contra os hollandezes, os judeus decididamente se tenham posto ao lado d'estes. Ia-lhes nisso liberdade, fazenda e vida. Foram judeus os denunciantes da conspiração de João Fernandes Vieira, abafada algum tempo, até romper em aberta revolução. Muitos tomaram armas contra os rebeldes,⁷ e quando estes aprisionavam alguns,

¹ Em uma consulta de 1641 sobre a conveniencia de se publicar um edito de graça, os inquisidores de Evora affirmam existirem no Santo Officio processos de que constava ter a gente de nação intervindo na tomada da Bahia e na de Pernambuco. Bibl. Nac. de Lisboa. Ms. da Coll. Moreira. Cod. 869. fs. 169.

² O tonel de ouro correspondia a cerca de trese contos de reis, valor da epoca.

³ Graetz. *Volkstuemliche Gechichte der Juden*, T. 3, p. 313.

⁴ Relatorio do dr. José Hygino Duarte Pereira sobre papeis relativos ao Brazil existentes nos archivos de Amsterdam. *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*. T. 49, p. 192.

⁵ «Esta terra se vae enchendo de judeus, que em todas as náos passam d'esses Estados para este, e como esta gente é tão odiosa a todas as nações do mundo, por serem inimigos do Christo nosso Salvador não merece nenhuma amizade, pedimos a prohibição nesta sua conquista de tão ruins habitantes, porque nem os naturaes recebem proveito do seu commercio vendas e mercancias, por serem gente inclinada a enganos e fallencias, nem os flamengos ficam de melhor condição no logro d'esta seara.» Transcripto na *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.* cit. T. 71, Parte 2.^a, p. 32. Artigo do snr. dr. F. A. Pereira da Costa, «Rehabilitação Historica do Conde de Nassau».

⁶ *Rev. do Inst. Hist. e Geogr.*, cit. T. 72, p. 305, art. do snr. dr. Pedro de Souto Maior, «Fastos pernambucanos».

⁷ Sirva de exemplo o seguinte, extraído de memorias contemporaneas: «A 13 (novembro de 1645) fez-se á vela o barco de Simão Slecht com 40 judeus, commandados por um capitão judeu. Seguiram para o norte, e em Tamaracá serão reforçados por alguns indios.» *Diario ou breve discurso acerca da rebelião e dos perfidos designios dos portuguezes no Brazil*. Arnhem, 1647. Traduzido na *Rev. do Instituto Archeologico e geographico de Pernambuco*, T. 32, p. 159.

mandavam-nos á Bahia para serem entregues á Inquisição em Lisboa, onde os que se apurava terem recebido o baptismo eram submettidos a processo. Aos outros cabia a sorte dos prisioneiros communs. No auto de fé de 15 de dezembro de 1647 saíram penitenciados e abjuraram o judaismo Miguel Francês, Manoel Gomes Chacon, Gabriel Mendes, Samuel Velho e Abrahão Bueno, todos portuguezes de nascimento, tomados com os flamengos que se renderam no Rio de S. Francisco. Não é exacto o testemunho de Antonio Vieira que diz terem ido nesse auto ao cadafalso tres judeus do Recife.¹ De seis suppliciados que houve só um vinha do Brazil, de nome Isaac Tartas, e esse fôra preso na Bahia.

Isaac de Castro Tartas, ou como christão José Liz, foi um dos martyres famosos do judaismo, e em torno do seu nome se entretetece uma lenda quasi gloriosa. A biographia real é menos brilhante que as narrativas dos panegyristas. Isaac Tartas era um dos muitos mascates emigrados para o Brazil hollandez. Nascera em Trancoso, tendo ido, com seus paes, criança, para a Gascunha, pelo que lhe chamavam o Tartas, nome da povoação francêsa que dizia sua patria. É de suppôr que a familia para segurança pessoal ou melhorar de condições economicas se transferisse para Amsterdam. O certo é que lá esteve Isaac de Castro, e seu irmão David de Castro Tartas, que foi impressor afamado na mesma cidade. Ainda adolescente, Isaac, que parece tinha contas com a justiça,² ausentou-se para o Brazil, mas não lhe correu a sorte propicia, pois aos dezanove annos deixava o territorio hollandez, para se refugiar de crédores inclementes na Bahia, onde, reconhecido por christão que abandonara a fé catholica, o prenderam. Em março de 1645 achava-se nos carcerees do Santo Officio em Lisboa. Ahi o seu proceder revela um crente cheio de juvenil ardor e fanatico exaltado, que põe a fé acima de todas as conveniencias, suas e extranhas. Antes de qualquer instancia elle proprio solicita audiencia dos inquisidores, para denunciar muitas pessoas, que no Brazil praticavam o judaismo, e não se pode attribuir isso a outro intuito que o de proclamar, pelo numero dos adeptos a valia da sua fé. Confesso e affirmativo nella até final, morreu invocando entre as chammas o Deus de Israel. Tinha a idade de vinte e um annos.

Sitiado o Recife, e desfavoravel continuamente aos hollandezes a sorte das armas, forçosamente havia de cessar a immigração dos hebreus. Em janeiro de 1654 foi a cidade rendida e, em seguida á capitulação, que estipulou o prazo de tres mêses para os subditos dos Estados se retirarem com seus bens moveis, procurou o Conselho da colonia alcançar excepção em favor dos judeus, para ficarem até á final liquidação de seus negocios. A isso se oppoz o commandante portuguez, acrescentando que, decorridos os tres mêses ajustados, nada impediria o vigario geral de lançar mão dos que houvesse apostatado, e remette-los á Inquisição.³ Não lhes restava portanto outro recurso que o de se

¹ Carta de 3 de fevereiro de 1648, de Haya ao Marquês de Niza.

² Qual o delicto não se pôde averiguar por não ser encontrado o processo de Tartas no archivo da Inquisição. Os dados biographicos proveem do seu depoimento e de outros no processo de Abrahão Bueno, preso como elle no Brazil. Os que offerece Keyserling (*Sephardim*, 204 e *Gesch. der Jud.* 308) extraídos da obra de Cardoso *Excelencias y calunias de los hebreos* e da *Spes Israelis* não correspondem á realidade.

³ *Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Brazil.* T. 49, p. 190. Relatorio do dr. José Hygino Duarte Pereira, cit.

dirigirem a novo exilio. No tempo avaliava-se, talvez com exagero, o numero d'elles em cinco mil. ¹

Ainda a proposito do rendição de Recife, o sentimento hostile dos portuguezes para com a gente hebrêa se manifesta em dizer o *Portugal Restaurado* que os judeus, tomados de susto, foram a causa de capitular a praça, pela pressão que exerceram sobre os governadores. ² Era provavelmente a opinião reinante na colonia, e transmittida á metropole. Ao revez d'isso, as noticias do lado d'elles attribuem-lhes o haverem sempre estimulado á resistencia. ³ Nenhum dos assertos porventura verdadeiro. A realidade é que a cidade se entregou obrigada pela fome, e convencidos os defensores de que não lhes viria socorro da Europa.

Forçados os judeus a deixar o Brazil, parte regressaram á Europa, parte dispersaram-se pelas possessões da companhia hollandeza na America. D'estes dirigiram-se uns á Guyana, outros foram mais longe estabelecer-se em Nova Amsterdam, na foz do Hudson, onde assenta ao presente Nova York, e como o governador fizesse objecção a consenti-los na colonia, veio ordem positiva da metropole para os receber, visto serem os judeus possuidores de muitas acções na companhia e merecerem por isso grandes attenções d'ella. ⁴ Com a perda da colonia para os inglezes, poucos annos passados de então, desfez-se o nucleo israelita, sem que todavia de todo desaparecessem d'esta região da America. Mais de cem annos depois deparam-se-nos os nomes de Salomão Pinto e Jacob Pinto, de New Haven, Estado de Connecticut, entre os patriotas da guerra da independencia. ⁵

Não se mostrou propicia a sorte aos colonos hebreus da Guyana. Estabelecidos a principio em Cayenna, em breve as depredações dos francêses os obrigaram a buscar refugio em outra parte, passando elles porisso a Surinam, onde já, parece, encontraram correligionarios idos da Inglaterra, que então possuia aquella parte da Guyana. Quando em 1667, por occasião de paz de Breda, o territorio ficou para a Hollanda, muitos judeus preferiram sair com os inglezes para a Jamaica. ⁶ Jacob Josué Bueno Henriques, e Benjamin Buenos Henriques são nomes que ficaram conhecidos na ilha. ⁷ Em Barbados encontramos judeus desde 1656. Nesse anno lhes foi concedido viverem lá com as regalias dos demais estrangeiros. ⁸

Em Curaçao ha memoria d'elles desde 1651, quando para lá foram em grupo dirigido por José Nunes da Fonseca ou David Nassi. ⁹ Jodenwijk (retiro dos judeus) se ficou chamando o logar onde habitaram na ilha primeiramente. Cerca de 1750 chegou o numero d'elles a dois mil, ¹⁰ sendo dos conhecidos o ra-

¹ *Portugal Restaurado*, T. 2, p. 462, ed. de 1751.

² Idem, loc. cit.

³ Graetz, *Volkst. Gesch. der Jud.* T. 3, p. 332.

⁴ Sombart, *Die Juden und das Wirtschaftsleben*, p. 42.

⁵ *Jewish Encyclopedio*, verb. Pinto.

⁶ Koenen. 285.

⁷ *Jewish Encycl.*

⁸ Idem.

⁹ Id.

¹⁰ *Jewish. Encycl.*

bino Samuel Mendes de Solla,¹ que publicou alguns sermões em português, e o medico Benjamin Solla, provavelmente irmão do precedente. Em Paramaribo occuparam os peregrinos da primitiva imigração o sitio que conservou o nome de *Savana dos judeus*.² Ahi existia em 1796 um collegio, cujo prospecto, em lingua portugüesa, chegou até nós.³ Assim, pelo mundo fóra, a raça proscripta ia deixando, com os nomes e o falar, retalhos da patria que a rejeitara, e na qual lhe não fôra possível integrar-se; que lhe impuzera todavia o seu cunho indelevel, com os dois elementos que são o proprio stigma da nacionalidade.

J. LUCIO D'AZEVEDO.

¹ *Bibl. esp.-port-jud.*

² Koenen, 237.

³ «Programma de uma casa de educação ou seminario de creaturas na Savana dos judeus». Ao mesmo vem appensa a traducção em francês e hollandês. Na *Bibliographia luso-udaica* catalogo publicado pelo sr. Alvaro Neves, 1913, p. 33.